

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

BEATRIZ MONTEIRO DA SILVA

**RELAÇÕES FAMILIARES E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DECORRENTES AO  
ABANDONO AFETIVO DO PAI NO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS**

VITÓRIA  
2015

BEATRIZ MONTEIRO DA SILVA

**RELAÇÕES FAMILIARES E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DECORRENTES AO  
ABANDONO AFETIVO DO PAI NO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,  
como requisito obrigatório para obtenção do título de  
Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Darlene Gaudio Angelo Tronquoy

VITÓRIA  
2015

BEATRIZ MONTEIRO DA SILVA

**RELAÇÕES FAMILIARES E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DECORRENTES AO  
ABANDONO AFETIVO DO PAI NO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo,  
como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, por:

---

Prof. Darlene Gaudio Angelo Tronquoy –  
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

---

Prof. Christyne Gomes Toledo de Oliveira,  
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

---

Prof. Daniella Messa,  
Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu esposo Geraldo Bravim pela fé e confiança demonstrada e que sempre esteve ao meu lado pelos caminhos da vida, me acompanhando e apoiando. Pelo incentivo a prosseguir nesta jornada, acreditando em mim e colaborando para a realização dos meus ideais.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus pela sua constante presença em minha vida, permitindo que tudo isso acontecesse ao longo destes 5 anos de grandes lutas e vitórias, pois, sem ele, nada sou e nada posso. Obrigada, por tudo que vi, ouvi e aprendi. Obrigada pela graça e pela Vida!

As minhas filhas Rayanne e Maria Eduarda que entenderam minhas ausências, divido com vocês o mérito desta conquista. As alegrias de hoje também são suas, pois o nosso amor, estímulo e carinho foram necessárias nesta vitória.

Aos meus pais: Sebastião e Regina agradeço pelo carinho e pela educação dando base para minha vida. Que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade. Pelo amor, dedicação, orações, palavras de conforto, acreditando sempre em meus potenciais.

As amigas Camila, Fernanda, Priscilla, Tatianny, Thais D., Thais Q. e Verônica, pela partilha de cada descoberta, desafio e conquista. Dividindo medos, incertezas e inseguranças... Mas somando entusiasmo, forças e alegrias... Obrigada, amigas.

Aos mestres pelo conhecimento que me foi transmitido, as dúvidas esclarecidas, pela amizade e paciência, em especial carregarei sempre em meu coração e nas minhas lembranças: Andréa Romanholi, Arion Carlos, Christyne Toledo, Daniela Messa, Kirlla Dornelas e Margareth Marchesi, que de uma forma bem especial colaboraram com minha aprendizagem e conhecimento, todos vocês são responsáveis pela realização deste trabalho.

A minha orientadora Darlene Gaudio Angelo Tronquoy que desde suas primeiras aulas me cativou expondo sua sabedoria e entendimento no que ensinava. Posso dizer quanto a minha formação, inclusive pessoal, não seria a mesma sem a sua pessoa e assim agradecer imensamente por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das aulas e supervisões.

Meu sincero e carinhoso Muito Obrigada!!!

Pai

**Fábio Jr.**

Pai

Pode ser que daqui algum tempo  
Haja tempo pra gente ser mais  
Muito mais que dois grandes amigos  
Pai e filho talvez

Pai

Pode ser que daí você sinta  
Qualquer coisa entre esses 20 ou 30  
Longos anos em busca de paz

Pai

Pode crer eu tô bem, eu vou indo  
Tô tentando vivendo e pedindo  
Com loucura pra você renascer

Pai

Eu não faço questão de ser tudo  
Só não quero e não vou ficar mudo  
Pra falar de amor pra você

Pai

Senta aqui que o jantar tá mesa  
Fala um pouco tua voz tá tão presa  
Nos ensina esse jogo da vida  
Onde vida só paga pra ver

Pai

Me perdoa essa insegurança  
É que eu não sou mais aquela criança  
Que um dia morrendo de medo  
Nos seus braços você fez segredo  
Nos seus passos você foi mais eu

Pai

Eu cresci e não houve outro jeito  
Quero só recostar no teu peito  
Pra pedir pra você ir lá em casa  
E brincar de vovô com meu filho  
No tapete da sala de estar

Pai

Você foi meu herói, meu bandido  
Hoje é mais muito mais que um amigo  
Nem você, nem ninguém tá sozinho  
Você faz parte desse caminho  
Que hoje eu sigo em paz

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a importância da efetiva atuação do pai na formação e desenvolvimento da subjetividade e as possíveis consequências decorrentes do abandono ou ausência do mesmo. Nessa perspectiva, buscou-se analisar, a partir da posição da psicanálise no que diz respeito à constituição do sujeito na família, a figura paterna, do pai como função e na relação com o Outro. Na realização deste estudo, utilizou-se como quadro teórico os textos e escritos de autores como Freud (1996a, 2006), Lacan (1981, 2003, 2005, 2009), Checchinato (2007), Nasio (1997, 2007), Julien (1997), Hamad (2002), Vescov (2009), Aubry (2004), Roudinesco (2003), dentre outros, além da pesquisa de campo, cuja coleta de dados deu-se através da aplicação de questionário para um grupo de sete sujeitos, escolhidos de forma aleatória simples. A análise e discussão dos dados levantados foram feitas à luz da revisão de literatura, aplicando-se o método indutivo de redução, exibição e conclusão/verificação das respostas apresentadas pelos sujeitos, alvo da pesquisa. Na revisão de literatura e em todo todo arcabouço teórico, destacou-se a figura paterna no decorrer evolucionista da família como tendo função essencial na construção do sujeito. Porém, vale a problematização de que a figura paterna, transvestida de mãe, de avô, avó, de tio, tia ou do outro, interfere na construção da subjetividade. E, que as respostas antes de serem verdades, são reflexões sobre a efetiva presença emocional, social, econômica, moral ou física da figura paterna, para o sujeito que viveu o abandono do pai, nos aspectos mencionados, se traduzem de fato no trauma, eixo propulsor da construção da personalidade.

**Palavras-chave:** Constituição. Sujeito. Psicanálise.

## ABSTRACT

This study aims to understand the importance of effective father's role in the formation and development of subjectivity and the possible consequences of abandonment or lack thereof. From this perspective, it sought to analyze, from the psychoanalytic position with regard to the constitution of the subject in the family, the father figure, the father as function and relationship with the Other. In this study, it was used as a theoretical framework texts and writings of authors such as Freud (1996a, 2006), Lacan (1981, 2003, 2005, 2009), Checchinato (2007), Nasio (1997, 2007), Julien (1997), Hamad (2002), Vescov (2009), Aubry (2004), Roudinesco (2003), among others, as well as field research, which data collection was made through a questionnaire to a group of seven subjects chosen by simple random sampling. Analysis and discussion of the data collected were made based on literature review, applying the reduction inductive method, display and completion / verification of the responses provided by the subjects of the search target. In the literature review and throughout the entire theoretical framework, the highlight was the father figure in the evolutionary family course as having an essential role in the construction of the subject. However, it is problematic that the father figure, transvestida mother, grandfather, grandmother, uncle, aunt or other, interferes with the construction of subjectivity. And the answers before they are truths, are reflections on the effective emotional presence, social, economic, moral or physical father figure to the man who lived his father's abandonment, the mentioned aspects, in fact translate in trauma, prepulsor axis of personality construction.

**Keywords:** Constitution. Subject . Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	21
2.1 FAMÍLIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS .....	21
2.2 A FAMÍLIA NA TEORIA FREUDIANA .....	25
2.3 DA FAMÍLIA EM SEUS PRIMÓDIOS À FAMÍLIA NA ATUALIDADE .....	27
2.4 LACAN E O COMPLEXO DE ÉDIPO: INTERFACES COM A FAMÍLIA .....	33
<b>2.4.1 E o que é o complexo de Édipo?</b> .....	35
2.5 A LINGUAGEM E O PSIQUISMO DOS SUJEITOS .....	36
2.6 A FUNÇÃO DO PAI NA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DO INDIVÍDUO .....	37
2.7 A INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO .....	39
2.8 AS RELAÇÕES FAMILIARES, OS COMPLEXOS E A FUNÇÃO DO PAI NA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA .....	42
2.9 DISCUTINDO CONCEITOS, AMPLIANDO CONCEPÇÕES .....	49
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	53
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA</b> .....	57
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	67
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71
<b>APÊNDICE A</b> .....	75

## 1 INTRODUÇÃO

É sabido por todos que se debruçam sobre os livros de Psicanálise, que o sujeito, tal como concebido por esta, se constrói nas relações com o Outro, que é, a princípio, o Outro da linguagem, na medida em que se refere a um sujeito falante e que também se comunica, mas antes de tudo é falado pelo Outro, no grupo. Como pode se verificar a seguir, nas palavras de Haddad (2004, p. 12):

A linguagem não advém de um inatismo, mas de uma alteridade que apreende o humano desde a sua irrupção na vida. A linguagem chega a um sujeito dada pelo grupo em que ele nasce, sob a particularidade de uma língua, dita materna. Ei-lo por aí mesmo preso numa articulação com um grupo cultural em que ele encontra, com a particularidade de sua linguagem, sua inserção no mundo e em suas categorias de pensamento, nó definitivo que só a morte vai desfazer.

E, por isso mesmo, como afirma Lacan (1998, p. 675), sobre o sujeito, a linguagem e o psiquismo, que:

Distinguir as relações do sujeito com a estrutura, concebida como estrutura do significante, é restabelecer a própria possibilidade dos efeitos da defesa. Há quem nos impute sustentar o poder mágico da linguagem. Muito pelo contrário, professamos que este poder se obscurece ao ser remetido a uma suposta aberração primária do psiquismo, e que é acumpliciar-se com ele o conferir-lhe, assim, a consistência de um fato impensável.

Verifica-se, desse modo, que o sujeito é determinado na sua constituição por elementos que o ultrapassam. Isso significa dizer que o mundo externo é determinante na constituição do sujeito e, por essa razão, os aspectos sociais devem ser considerados quando se trata de levar em conta os fatores essenciais de sua vida afetiva tanto quanto o modo como esse sujeito se situa no laço social.

Historicamente, a Sociologia tem discutido sobre a socialização do indivíduo<sup>1</sup> – noção que é distinta daquela de sujeito para a psicanálise – destacando o papel da família como lugar primeiro, como grupo social primário dessa constituição que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. Este grupo social, entretanto, se modifica e se reconstrói no decorrer da história, apresentando distintas características e especificidades, porém ainda considerado como referencial no desenvolvimento do sujeito ainda que se considerem essas

---

<sup>1</sup> A noção de indivíduo para a Sociologia é aquela que tradicionalmente nasce com o discurso que surge das ciências humanas da tradição humanista que considera o indivíduo, ou seja, aquele que não se divide. E quando se trata do sujeito na psicologia, essa noção ela é herdeira do conceito de indivíduo da tradição científica moderna. Em se tratando da psicanálise, o sujeito em questão é justamente o sujeito dividido pela linguagem (informação verbal).

transformações sociais, culturais e morais ao longo da História. Kreppner (2000), citado por Dessen e Polonia (2007, p. 22) reafirmam que “a família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades”.

Neste trabalho, porém, considerou-se a família a partir do campo da psicanálise, ainda que haja outros campos do saber, tais como a sociologia, a antropologia e todas as áreas das ciências humanas, as quais tenham contribuído decisivamente para que se entenda o que passa tanto no aspecto da constituição do sujeito quanto de outros aspectos, como, por exemplo, a sua posição no mundo e na sociedade. O presente trabalho, então considerou especificamente a posição da psicanálise no que diz respeito à constituição do sujeito na família, destacando como essencial e ponto de partida deste estudo a figura paterna, figura esta do pai como função. Esta função que a partir das definições advindas da psicanálise, com o aporte de outras ciências, já postas acima, afirma-se, na perspectiva atual, que a família passa por transformações e transições, apresentando historicamente e também, socialmente, modificações pertinentes a função de pai, no transcorrer um período que se denomina patriarcado.

É neste contexto que se destaca a figura paterna: na transição da família modificada historicamente e na busca de entendê-la como advento da construção do sujeito, que este estudo proporciona reflexão acerca da situação-problema de que a figura paterna, transvestida de mãe, de avô, avó, de tio, tia ou do outro, interfere ou não nesta construção. A proposta então, foi compreender até que ponto a efetiva ou não, presença, seja emocional, social e moral ou presença física dessa figura interfere na construção deste sujeito, e quais seriam as consequências na vida do mesmo, vivendo o abandono afetivo do pai.

Buscando entender as questões propostas, aprofundar e ampliar os conhecimentos acerca da situação-problema, alvo desta pesquisa, utilizou-se como base teórica os textos, as ideias e os escritos para a pesquisa bibliográfica, dos autores tais como Freud (1996, 2006), Lacan (1981, 2003, 2005, 2009), Checchinato (2007), Nasio (1997, 2007), Julien (1997), Hamad (2002), Vescovi (2009), Aubry (2004), Soler (2012), Roudinesco (2003), Fustel de Coulanges (2006), dentre outros. Todo o aporte teórico pesquisado contribuiu no aprofundamento do tema e sobretudo para analisar e discutir às questões específicas surgidas da situação-problema, as quais

foram respondidas por este estudo, auxiliadas pela pesquisa de campo, através do questionário aplicado aos sujeitos buscando respostas para principais questões: a figura paterna ou a efetiva atuação do pai na constituição do sujeito faz-se necessária e importante? Quais seriam as consequências na vida do ser humano que vive o abandono afetivo do pai?

A partir destas duas questões chegou-se ao âmago do tema: a família. Pesquisar sobre a família na visão de teóricos como Freud, Lacan, Roudinesco e Fustel de Coulanges, entre os demais teóricos foi um passo necessário e importante para discutir e analisar as informações e os dados coletados na pesquisa de campo sobre as possibilidades de interferência das ações educativas do “pai”, exemplificadas aqui nas ações de socialização, como amparo, atenção e punição, consideradas parte do processo para e na construção do sujeito. Assim como também para compreender as discussões dos autores que escreveram e apresentam teorias sobre o tema pesquisado e apresentar uma análise pertinente aos dados coletados na pesquisa de campo, foi necessário aproximar-se e debruçar-se sobre as concepções, conceitos e definições defendidas por Nasio (1997), ilustrado aqui na discussão do conceito de *identificação*, na instância inconsciente.

Apesar de já explorado, o tema possui distintas e variadas teorias relativas à situação-problema, que de alguma forma, certamente, poderão contribuir no alcance do entendimento do tema e como esclarecimento das questões sociais e afetivas envolvendo a figura paterna, no seio da família, marcadamente impostas pelos fatos sociais da atualidade, conforme destaca Santoro (2011, p. 93), em seu texto “O fio do desejo”, quando objetiva “pensar o papel da família na constituição de cada sujeito através da formação do sintoma” que, seguindo os ensinamentos de Freud, escreveu: “os sintomas neuróticos são consequência do complexo de Édipo que ordena a estrutura da família” (SANTORO, 2011, p. 93).

Assim sendo, acredita-se na importância deste estudo como forma de ampliação do debate em torno do papel da família na formação do indivíduo, tanto para o meio acadêmico e pedagógico - no caso de situações das dificuldades de aprendizagem, tendo como causa traumas afetivos -, como na sociedade de maneira geral, provocando e instigando os profissionais do ramo, para uma busca de conhecimento na Psicologia e na Psicanálise.

Tendo como objetivo geral compreender a importância da efetiva atuação do pai na formação e desenvolvimento da subjetividade e as possíveis consequências decorrentes da ausência ou abandono do pai, a execução deste estudo norteou-se pelos objetivos específicos: discutir as atribuições relativas à função paterna na família atual e no contexto da sociedade contemporânea; analisar estudos bibliográficos que possam demonstrar a importância da presença paterna na construção da subjetividade e identificar situações de relações, efetivas ou não, em que a figura paterna influencia de fato na construção do sujeito.

Nessa perspectiva, constituiu-se este trabalho pela composição de informações, ideias, teorias, conhecimentos e conceitos que respondessem aos objetivos propostos e elencados acima, através de uma pesquisa, cuja abordagem tem caráter qualitativo, de cunho bibliográfico, permitindo a recuperação de conhecimentos científicos acumulados, pois para Gil (2010, p. 50) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Alinhada à pesquisa bibliográfica, desenvolveu-se a pesquisa de campo norteada pela hipótese de que o sujeito que não convive com seu genitor, ou seja, privado da figura do pai, poderia ressentir-se na construção e estruturação psíquica, bem como no seu desenvolvimento moral, social e cognitivo, pois não encontra um referencial, expresso na figura paterna, seja ou não o pai encarnado por um homem na família, o limite necessário ao processo de construção da subjetividade.

A estratégia de pesquisa de campo foi a aplicação de questionário composto de três questões direcionadoras ao tema sobre as quais os sujeitos pesquisados pudessem falar e expressar-se livremente.

O trabalho foi organizado em quatro seções, explicitadas como: a introdução como a primeira seção, a segunda seção, o referencial teórico, onde estão apresentadas algumas reflexões teóricas sobre tema, com base nas discussões da psicanálise; na terceira seção, os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. E, por último, a quarta seção, onde está exposto todo os procedimentos metodológicos da pesquisa, desde a análise e interpretação dos dados, à luz da teorização realizada. E, finalmente, algumas considerações finais como resultado tanto da pesquisa bibliográfica como da pesquisa de campo.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura, também denominada de referencial teórico ou quadro teórico, teve como finalidade uma reflexão importante e permitiu ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca do tema. Foi possível nessa parte do estudo demonstrar de forma explícita toda a contextualização da pesquisa, a reflexão sobre os conceitos, as definições e todas as implicações destas relações nos conceitos e nas concepções apresentadas e defendidas pelos teóricos pesquisados. Demonstra-se claramente a abordagem de algumas pesquisas já realizadas nos últimos anos, sobre questões que se assemelham ao presente estudo. Também tem como alvo dos estudos bibliográficos, a apropriação das ideias destes teóricos para a construção dos instrumentos de pesquisa, o questionário, assim como para a análise dos resultados da pesquisa de campo, especificamente a aplicação dos instrumentos com os sujeitos determinados para o trabalho.

### 2.1 FAMÍLIAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS

Em se tratando da construção do sujeito, da sua organização enquanto ser em processo de construção, seu modo de ser e agir, tudo passa necessariamente pela discussão acerca da concepção de família, sua trajetória histórica, evolução e sistematização da mesma à luz das teorias, tais como o pensamento freudiano sobre a família, a herança da família primeva transmitida à família moderna. Para tanto, foi necessário revisitar Freud (1996), sobre o complexo de Édipo, tal como formulado pela psicanálise, de modo a tentar compreender a relação processual do sujeito com as dimensões da paternidade, bem como todo o tratamento dado ao tema família por Fustel de Colanges (2006).

Também importante e necessário abordar os primeiros conceitos de Jacques Lacan (1981b) que utiliza os conceitos de complexos e de imago, como também tratar a família na teoria psicanalítica, através dos textos de Freud e Lacan que percebem a família diferentemente. Faz-se importante inferir que a família, em algum momento foi considerada objeto de pesquisa psicanalítica, ao observar relatos de Roudinesco (2003, p. 188-189) que no texto “A família do futuro” escreve “[...] talvez seja preciso lembrar, através de alguns caso clínicos, o que às vezes foi a vida ordinária de certas dessas famílias “heterossexuais” da metade do século, cujos filhos, então

adultos, frequentaram vinte anos mais tarde os divãs dos psicanalistas”. A partir de tal premissa, também é possível inferir que tanto o trabalho de Freud como o de Lacan, investiga as relações entre pais e filhos, as possíveis influências na estruturação da subjetividade do indivíduo, a sexualidade e seus sintomas, as psicoses e as neuroses, bastante presente na dito pelo primeiro: “cada pessoa que chega no mundo se prepara para vencer o complexo de Édipo [...]” (FREUD, 1920, apud JULIEN, 2002, p.61) e mais ainda:

Mas o complexo de Édipo é chamado assim na medida em que está em correlação com o complexo de castração. E é então que as dificuldades começam: de que relação se trata? Questão que só pode encontrar sua resposta ao ser substituída por outra questão: o que é, pois a *função paterna*? (JULIEN, 2002, p.61).

É nessa esteira de pensamento que se insere a família como objeto de pesquisa psicanalítica, partindo-se inicialmente da distinção de família nos aspectos biológico e social. No texto de Lacan (1981a) denominado “A família”, encontra-se informações e conceitos sobre as noções de família que propõe refletir a partir de uma comparação entre os pares, da espécie animal e da espécie humana. Lacan começa a discussão baseando-se no aspecto biológico e, posteriormente, no aspecto social, ou seja, a relação biológica que permite a geração dos seus componentes e a socialização, que permite a união do grupo, mas, porém também interrompe a relação biológica quando essa dimensão sofre interferência e dependência dos fatos da cultura.

Diferentemente da família humana, os animais são regidos pelo instinto. Na família humana nota-se distintamente, o componente cultural, como já observado por Lacan quando coloca que, a cultura está para a família humana como a natureza está para os animais. Conclui-se, portanto que a família humana é orientada pela cultura e a família animal pela natureza, ainda que algo do instinto persista família humana, quando do seu comportamento instintivo. Contudo, tendo em vista a importância da cultura para o humano, pode-se inferir que os aspectos culturais predominam aos naturais, conforme escreveu Lacan (1981, p.14): “É na ordem original de realidade que constituem as relações sociais que é preciso compreender a família humana”.

De fato, Lacan (1981a) destaca o papel cultural da família, percebido, por exemplo, nos casos de adoção de crianças, onde é possível dizer que a naturalidade de uma criança não implica necessariamente na sua adoção. A propósito disto, Hamad

(2002) relata sobre os casais que buscam a adoção: “Eles propõem, no fundo, uma transmissão simbólica que é de outro tipo que a transmissão genética, uma transmissão de Lei, por exemplo,” (HAMAD, 2002, p. 83). Tal ato seria, então segundo o autor citado, uma ação, uma atitude extremamente complexa e articulada do que o simples ato da reprodução biológica.

Acerca da família humana e sobre o desenvolvimento dos sujeitos que poderia ser caracterizados especificamente pelas relações sociais, tendo como mola propulsora sua capacidade de comunicação mental, e de forma relativa os instintos, que mesmo estando presentes, são passíveis de mudanças, alterações e adaptações, retoma-se a discussão sobre a ideia de valorização do pai, e/ou da família levantada por Michel Tort (apud, HADDAD, 2002, p. 37) “[...] a estrutura familiar clássica está ameaçada pela evolução cultural, a referência paterna, a solução paterna, só seria uma visão religiosa, mais exatamente cristã, que Lacan reatualiza com sua teorização concernente ao nome do pai”.

É, pois, nesta perspectiva que Lacan (1981) demonstra inicialmente ter a família humana uma função de geradora física e uma função psíquica e social, e que a estrutura da família humana compõe-se de um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica, em que a geração dos componentes do grupo e as condições do meio que garantam o desenvolvimento dos mesmos, porém, de forma explícita, declara que no seio da família humana a cultura predomina sobre a natureza.

Na perspectiva da psicanálise, Lacan (1981) pontua a questão da família sob a égide dos métodos de uma psicologia puramente concreta e **observável**. Significaria dizer, sob a ótica dessa observação e análise, que seria possível conceber a família como uma instituição, uma estrutura. E como instituição, há outras proposições de estudos, os quais seriam sistematizados em dados e informações resultantes pela aplicação de outras ciências. Porém, o que interessa neste estudo é a concepção de família humana como uma instituição e, portanto apresentando-se como proposta uma análise psicológica desta instituição denominada de família, como fato biológico ou fato sociológico, levantando-se dois pontos para a discussão: a hereditariedade psicológica e o parentesco biológico.

Sobre tais pontos, no texto “A instituição familiar”, Lacan (1981, 2003, p. 31) dirá sobre estas duas dimensões em jogo na constituição da família humana:

**Parentesco biológico** - Uma outra semelhança, contingente, vê-se no facto de os componentes normais da família tal qual a observamos actualmente no Ocidente: o pai, a mãe e os filhos, são os mesmos que os da família biológica. Esta identidade não é nada mais que uma igualdade numérica. Mas o espírito é tentado a reconhecer aí uma comunidade de estrutura directamente fundada sobre a constância dos instintos, constância essa que lhe é preciso reencontrar então nas formas primitivas da família. As teorias puramente hipotéticas da família primitiva foram fundadas sobre estas premissas, umas vezes à semelhança da promiscuidade observável nos animais, por críticas subversivas da ordem familiar existente; outras vezes sobre o modelo do par estável, não menos observável, na animalidade, por defensores da instituição considerada como célula social.

**Hereditariedade psicológica** – Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a preservação dos ritos, e dos costumes, a conservação das técnicas e do património lhe são disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua justamente chamada materna. Por isso ela preside aos processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, a esta organização das emoções segundo tipos condicionados pelo ambiente, que é a base dos sentimentos segundo SHAND: numa maneira mais lata, ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência (LACAN, 1981, p.11-12).

Se para os alguns dos autores pesquisados e já apontados, a família é um grupo natural de sujeitos ligados pelos aspectos naturais da relação biológica e tem como elo de ligação a procriação entre os seus componentes, no grupo, e também as condições sociais, como outro meio de ligação entre os seus pares, teria então, os dois aspectos, os naturais e os sociais a possibilidade de construção, transformação e desenvolvimento do sujeito? A expressão “hereditariedade social”, criada por Conn (apud, LACAN, 2003, p. 31) conflita com a importância dos aspectos biológicos nos fatos denominados hereditariedade psicológica, ditos no trabalho dos psicólogos. De maneira similar, teria como uma resposta à pergunta:

Se, com efeito, a família humana permite observar, nas primeiras fases das funções maternas, por exemplo, alguns traços de comportamento instintivo, identificáveis aos da família biológica, basta reflectir no que o sentimento da paternidade deve aos postulados espirituais que marcaram o seu desenvolvimento, para compreender que neste domínio as instâncias culturais dominam as naturais, ao ponto de não se poder ter como paradoxais os casos em que, como na adopção, elas as substituem (LACAN, 1981, p. 5).

Mas, efetivamente, tem-se um contraponto interessante postulado por Conn, quando criou a expressão hereditariedade social, considerada por Lacan (2003, p. 31), imprópria por sua ambiguidade, destacada na citação:

[...] o fato de que os componentes normais da família, tais como observamos hoje em dia no Ocidente – o pai, a mãe e os filhos - , são os mesmos da família biológica, Essa identidade nada mais é do que uma igualdade numérica. Mas o espírito fica tentado a reconhecer nela uma comunhão estrutural directamente baseada na constância dos instintos, uma

constância que então é preciso encontrar nas formas primitivas da família (LACAN, 2003, p. 31).

Por outro lado, a possibilidade de convivência assegura a capacidade de desenvolvimento das relações, que por sua vez, permite a produção de cultura, característica da espécie humana e dimensão específica que distingue da espécie animal.

Ratificando essa discussão, Roudinesco (2003) cita Lévi-Strauss (1981) escrevendo:

o que diferencia realmente o homem do animal é que, na humanidade, uma família não seria capaz de existir sem sociedade, isto é, sem uma pluralidade de famílias prontas a reconhecer que existem outros laços afora os da consanguinidade, e que o processo natural da filiação somente pode prosseguir através do processo social da aliança (ROUDINESCO, 2003,p.11).

Para além da definição de família como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e a filiação, Roudinesco (2003) distingue em três, os diferentes momentos da evolução da família: a família tradicional ou patriarcal, a família moderna e a família contemporânea. No primeiro momento, a família considerada tradicional ou patriarcal se caracteriza por assegurar a transmissão do patrimônio, ou seja, os casamentos são arranjados, numa perspectiva de imutabilidade e sob a égide do autoritarismo, onde “a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia do direito divino” (ROUDINESCO, 2003, p. 12).

Na segunda fase, período da família caracterizada como moderna, esta passa a valorizar o sentimento, sendo uma forma relacional pautada nos laços de afetos, bem como os desejos da carne, isto é, os pares são atraídos mutuamente e selam esta atração pelo casamento, coroado pela educação do filho (ROUDINESCO, 2003). E, finalmente, a família contemporânea, também nomeada de pós-moderna, onde o casal se une numa relação de duração relativa, com o objetivo de tentar buscar realizações pessoais e sexuais.

## 2.2 A FAMÍLIA NA TEORIA FREUDIANA

Na teoria psicanalítica permite-se observar a caracterização que Freud dispensa à questão da família, à relação entre a criança e seus pais, de forma detalhada e cuidadosa. É perceptível o entrelaçamento do tema com os casos clínicos

apresentados em estudos, bem como a relação constante dos pacientes tratados por ele e a relação destes com a família. Na leitura dos textos de Freud, encontra-se a descrição da família como essencial no que se refere à construção do drama imaginário necessário à construção do sujeito, incluindo a família primeva<sup>2</sup> e suas relações com a civilização, com a religião, bem como a importância da mesma para a análise e confirmação dos questionamentos oriundos da sua clínica, da escuta atenta dos “romances familiares” de seus analisandos.

Freud (1996) define a família primitiva, por exemplo, como uma reunião pequena de pessoas, uma horda comandada por um poderoso macho déspota. Para ele, essa família primitiva seria constituída por dois tipos: a dos membros individuais do grupo, obedientes a uma vontade comum ou coletiva e a do pai primevo, não submetido ao coletivo, mas livre. Por horda primeva, entende-se a forma da sociedade primitiva humana formada por um bando de pessoas, vivendo sob a égide de um outro, no caso de um macho com poder e capaz de repressão. Assim, família, para Freud, seria também um grupo ou agrupamento de pessoas sob a ordem definida em *Totem e Tabu* (1996c), tendo como legado o poder e a obediência.

Aborda-se ainda, nos textos freudianos sobre a família primeva, em *Totem e Tabu* (FREUD,1996c), para tratar da evolução e passagem da família primeva para a família moderna. Consta nos textos que na horda primeva, o pai é a encarnação de Deus, senhor das famílias, reinando sobre o corpo e a alma da mãe e dos filhos.

Vale lembrar que, em *Totem e Tabu*, Freud construiu um mito para dar conta da origem não só da família, mas da lei que fundou a humanidade enquanto tal. Mas, é a partir do que desenvolve em suas teorizações sobre o complexo de Édipo que Freud resgata e mediatiza o funcionamento simbólico da família, onde o pai mítico morto, melhor assassinado, já não detém mais poderes sob a forma de totem. É nesse contexto que a família freudiana, baseada na culpa e na lei da moral, vive o conflito entre o desejo, a autoridade e a rebeldia, explicando, por exemplo, uma nova concepção de família, capaz de lidar com o declínio da autoridade paterna, a emancipação da subjetividade, o amor, o desejo e a sexualidade. A importância

---

2 Família primeva caracteriza-se pela ausência da lei e pelo império de um pai não submetido à mesma, devorador e incestuoso

dessas teorizações de Freud é que elas incluem a função do pai na fundação do próprio inconsciente e conseqüentemente na constituição subjetiva.

Portanto, para Freud (1996c), a concepção da família tem por fundamento básico a história do assassinato do pai pelo filho, no conflito do pai com o filho, bem como na onipotência patriarcal e na emancipação da mulher e sua relação com seus desejos.

Acerca dessa concepção, Freud, citado por Roudinesco (2003), no texto “O patriarca mutilado” levanta a discussão de como a invenção freudiana do complexo de Édipo foi utilizado por grupos segundo seus próprios interesses, citando aqui os aspectos relativos à família, no caso os libertários e as feministas, apontando como uma tentativa de salvação da família patriarcal e pelos psicanalistas, como um modelo psicológico que poderia normalizar a ordem familiar, identificando as figuras do pai e da mãe pela diferença do sexo. Acerca disso, pode-se ilustrar com parte de uma citação de Freud (1930, apud ROUDINESCO, 2003, p. 95):

[...] admite as relações sexuais sob a única condição de que tenham por base a união indissolúvel, e contratada definitivamente, de um homem e uma mulher; que não tolera a sexualidade enquanto fonte autônoma de prazer e que só está disposta a admiti-la a título de agente de multiplicação, o que nada até aqui foi capaz de substituir.

Afirma Roudinesco (2003) que tais pontos de vista, embora contraditórios, permaneceram atuais até este século, face a invenção freudiana, que hipoteticamente “esteve na origem de uma nova concepção da família ocidental capaz de lidar, à luz dos grandes mitos, não apenas com o declínio da soberania do pai, mas também com o princípio de uma emancipação da subjetividade” (ROUDINESCO, 2003, p. 87-88).

### 2.3 DA FAMÍLIA EM SEUS PRIMÓDIOS À FAMÍLIA NA ATUALIDADE

Os estudos de Freud e Lacan mostram que a história humana é marcada por sua miséria, por seus conflitos e atos repletos de horror e violência. A humanidade, pois nasceu junto com a lei do interdito e do incesto, como nos ensina Freud, sobre ter a esta humanidade carregado por tempos, de forma inevitável, através dos membros que compõe uma família, os abusos e os excessos. E, como é sabido, o homem como ser inacabado, precário e desprovido de possibilidades para minimizar as neuroses, como uma espécie de barreira natural para a própria agressividade, precisa de acolhimento e amorosidade, além de ter o reconhecimento de si através

de sua palavra. Sabe-se ainda da necessidade de construir limites, construir valores, uma subjetividade pautada no respeito aos direitos e deveres de si e do outro. Esta construção pode se dar, se efetivar de fato, se for possível estabelecer laços profundos com seus pares, de geração a geração, sejam os pares, pessoas interligados social ou afetivamente, ou biologicamente, como os pais, ou os professores ou os representantes da autoridade da lei e da política. De outra forma, infere-se na permanência da errância e/ou do caos (ANGELO, 2007).

Persiste o fato de que, ao nascer o filhote humano apresenta prematuridade, impotência e insuficiência incontestável, traduzida na dependência do outro. A total dependência do outro, seu semelhante, que terá a função de transmitir, para além dos cuidados de sobrevivência, as condições do tornar-se humano (ANGELO, 2007). Nessa perspectiva, surge um grupo social, a família, representado por alguém, a mãe e/ou o pai, com uma função essencial, determinante mesmo. Este alguém, com a função que acolhe e que na mesma medida, também aprisiona, ilustrando a importância da família tanto como lugar de acolhimento quanto de produzir o distanciamento necessário para que um sujeito possa advir como desejante por lhe oferecer as condições de simbolização de sua posição primordial. Daí o posicionamento de Freud ao reconhecer a família, com sua estrutura eminentemente cultural e suas formas mutantes ao longo da História, como lugar privilegiado onde se constituem os complexos. Isto por que cabe a família a transmissão da lei que poderá limitar os impulsos que povoam a infância. Freud (1996e, p.145) já afirmara: “Quando, no tratamento de um neurótico adulto, estabelecíamos a sequência dos fatores determinantes de seus sintomas, éramos, com regularidade, reconduzidos ao início de sua infância”. Ora, a infância remete à família: seus ensinamentos, cuidados, aquisição e assimilação do “controle de seus instintos e a adaptação à sociedade” (FREUD, 1996d, 209). E, ainda para reafirmar a importância da família, Angelo (2007, p. 28) escreve:

Freud soube reconhecer a família, com sua estrutura eminentemente cultural e suas formas mutantes ao longo da história, como lugar privilegiado onde se constituem os complexos. Principalmente porque a ela cabe a transmissão da lei que poderá limitar os impulsos sem medida que povoam a infância.

Discutir a importância e a função da família, os elos de ligação com o outro passa necessariamente por uma retrospectiva histórica desse grupo, denominado de família. Seria possível falar de família, desconsiderando as extremas diferenças entre as concepções de antigas e modernas, na perspectiva política, social,

histórica e principalmente como coadjuvante na construção dos sujeitos, indivíduos membros destas famílias? Certamente que não. É o que afirma Julien (2000) ao iniciar sua discussão sobre o encantamento privado. Afirma ele que, nas sociedades tradicionais, a esfera familiar tem por função a reprodução da vida, a sobrevivência e a perpetuação. No mundo moderno, passa-se da comunidade para a sociedade, é o nascimento do social, provocado pelo advento da democracia, a laicidade e a ciência, mudando as relações familiares.

Destaca Julien (2000), citando Lévi-Strauss, que a família, ao longo dos tempos transforma-se e desdobra-se em várias modalidades, denominado-a, então, de família ampliada e família restrita, que seria troca entre dois grupos, troca entre um homem e uma mulher, respectivamente, demonstrando, de forma concreta, o desfalecimento das funções dos membros da mesma, seja do pai ou da mãe.

A esse respeito, Lebrun (2010) aponta que o declínio do patriarcado não significa necessariamente o declínio da função paterna. O que torna, contudo, importante distinguir a “função patriarcal” e a “função paterna”. Lebrun (2010, p. 18) dirá:

É, então, essencial discernir a função do pai no social – dita função patriarcal -, que vai de par com uma lógica do ponto fixo exógeno, com a função paterna, entendida não como o *papel* do pai, mas como o *lugar* que um qualquer – frequentemente, o genitor, mas sem que isto seja indispensável – ocupe para a mãe e para a criança, que estruturalmente permita que se instale no aparelho psíquico a capacidade de substituição significativa, dito de outro modo, a competência metafórica (grifos do autor).

O que se constata, pela reflexão da proposição Lebrun, é que a função dita paterna se equivale à função da própria linguagem, desmistificando o laço biológico, pois tanto um genitor que carrega o lugar de pai biológico e outro que não, ambos podem exercer a função do pai, conforme o lugar que ocupa junto à mãe. Ambos teriam a função de transmissão da Lei. E, a cada um dos pais, seja biológico ou não, pode-se inferir que possuem a função do pai, “função assumida por aquele que se encarrega dela. Função paterna biológica, função paterna real, função paterna imaginária, função paterna simbólica, função paterna na estrutura” (LEBRUN, 2010, p. 18).

Dando um salto para trás na história, vale ressaltar alguns aspectos trazidos por Fustel de Colanges sobre o princípio constitutivo da família que para este autor é a religião. Para tanto, Fustel de Colanges (2006) analisa a simbologia representada pelo altar e pelo túmulo. Segundo ele em cada casa das primeiras famílias encontrara-se um altar, no qual os membros se reuniam de manhã e à noite, e o

túmulo como segunda morada, onde também permaneciam juntos, continuando a manter a família unida e indissolúvel.

Sobre a família antiga, registra o autor que a essência da relação entre seus membros não é apenas a geração, ou o afeto, traduzido no fato de que uma irmã não tem os mesmos direitos que o irmão, assim também o pai, mesmo amando sua filha não pode legar-lhe bens, e ao contrário, um filho adotivo, mesmo não tendo vínculo de sangue, mas tendo a comunhão do culto, será considerado membro verdadeiro da família, por que:

O que une os membros da família antiga é algo mais poderoso que o nascimento, que o sentimento, que a força física: é a religião do fogo sagrado e dos antepassados. Essa religião faz com que a família forme um só corpo nesta e na outra vida, A família antiga é mais uma associação religiosa que uma associação natural (FUSTEL DE COLANGES, 2006, p. 58).

A família antiga recebeu uma constituição distinta que pode ser definida como um grupo de pessoas ligadas pelos dogmas da religião, retratada pela palavra grega *epístion* (grifo do autor) que significa “aquilo que está perto do fogo” (FUSTEL DE COLANGES, 2006, p. 59). A perpetuação desses laços familiares através do culto de oferendas contínuas de banquetes, após a morte, assegurando repouso e felicidade.

De maneira simbólica, traduz-se como membros da família não só os de laços consanguíneos, mas também outros, através de adoção para as famílias sem filhos, pelo direito ao divórcio em caso de esterilidade, substituição do marido por um parente, no caso de impotência ou de morte, devido à necessidade de perpetuação do culto doméstico – as cerimônias fúnebres. Ou seja, os ritos ilustram elos de ligação para àqueles que formam a família.

A essa ideia, se junta o direito à propriedade, pois há uma relação vidente entre a família, a religião e o direito a propriedade. Afirma Fustel de Colanges (2006, p. 88-89):

A ideia de propriedade privada fazia parte da própria religião. Cada família tinha seu lar e seus antepassados. [...] Quando se constrói um lar, é com o pensamento e a esperança de que continue sempre no mesmo lugar. O deus ali se instala, não por um dia, nem pelo espaço de uma vida humana, mas por todo o tempo em que dure essa família, e enquanto restar alguém que alimente a chama do sacrifício. Assim o lar toma posse da terra; essa parte da terra torna-se sua, é sua propriedade.

Entretanto, por todas as argumentações já explicitadas até aqui, faz-se mister continuar a discussão sobre a trajetória da família na perspectiva da Psicanálise, o

que impõe maior e mais intensamente uma aproximação com as proposições dos pensamentos de Freud (1996), de forma específica nos textos “O futuro de uma ilusão, o Mal-estar na civilização”, escritos no período de 1927-1931, onde o fundador da psicanálise – que não cessou de falar sobre a família especula assertivamente sobre a natureza da civilização humana e sobre as imperfeições das formas culturais que nela se desenvolveram. Freud (1996d) afirma ser um fato psicológico, considerar que estão presentes na humanidade as tendências auto destrutivas, anti-sociais e anticulturais. E por causa destas tendências que o sujeito se constrói de uma forma ou de outra, isto é, são determinantes na geração de este ou aquele comportamento. Acerca disto, ele afirmara:

Percebemos que a dificuldade da infância reside no fato de que, num curto espaço de tempo, uma criança tem de assimilar os resultados de uma evolução cultural que se estende por milhares de anos, incluindo-se aí a aquisição do controle de seus instintos e a adaptação à sociedade – ou, pelo menos, um começo dessas duas coisas (FREUD, 1996d, p. 145).

Outra formulação apontada por Freud (1996c) diz que a formação da família vem da necessidade de satisfação genital que, provavelmente, passou não mais a ser regida por ciclos, mas instalou-se como um “inquilino” permanente, que levou o indivíduo macho a ter ou adquirir motivos para permanecer junto a si o outro indivíduo, a fêmea, que por sua vez, para não se separar de seus rebentos, viu-se obrigada a permanecer com o indivíduo macho mais forte. Em outro de seus célebres textos, “Totem e Tabu”, já citado, teorizando acerca da mesma civilização, Freud (1996c) discorre sobre “o enigma de como a família verdadeira veio a ser substituída pelo clã totêmico, e que este talvez deva permanecer insolúvel até que a natureza do próprio totem possa ser explicada”. Freud aponta uma diferenciação entre a família totêmica e a família atual. Na primeira, o laço totêmico é mais forte que o da família moderna, pois as restrições do tabu proibem que seus pares, os membros que compõe o mesmo clã, casar-se ou manter relações sexuais entre si, uns com os outros, explicando assim, o tabu do incesto, que seria a proibição para os homens de fazerem aquilo que suas pulsões os impulsionam fazer, implicando na constituição das primeiras famílias, de fato, uma vez que esta norma de proibição fêz gerar à exogamia, ou seja, ao casamento fora do clã.

Mais precisamente, Freud (1996c) relaciona a família totêmica com a família atual ao trazer a fobia do indivíduo em inversão, dadas as características do totemismo, em relação à identificação do pai com o animal totêmico, na qual “essa identificação

com o totem é efetivada em ações e palavras nas ocasiões cerimoniais do nascimento, da iniciação e do enterro” (FREUD, 1996c, p. 113).

E, mesmo tendo a família surgida e sob a égide do sistema matriarcal, as conquistas sociais do clã fraterno persistem e se desenvolvem, marcando a distância entre o pai da família moderna e o todo poderoso e onipotente pai primevo da horda.

Fazendo um contraponto, volta-se a Roudinesco (2003) para explicar e distinguir na evolução da família, três momentos distintos, citados anteriormente de forma mais suscinta. São eles: o primeiro momento, aquele período em que a família, considerado como a família tradicional ou a família patriarcal, que tinha como precedente assegurar a permanência ou transmissão do patrimônio entre seus membros. A segunda fase, período em que denominou-se de família moderna, com base no amor romântico, amor que vem reforçar os sentimentos e os desejos, desde o início, e da constituição da família. E o terceiro momento, período denominado de família contemporânea, no qual há a relativização, ou seja, durante um tempo relativo e em um espaço também relativo, faz a união de duas pessoas com objetivos comuns com a finalidade de buscar realizações pessoais e sexuais. Tal origem traduz a relatividade também dos sentimentos, de parcerias, bem como o sentido do que é privado em deteriora-se como sentimento anterior, antes origem do valorizado poder paterno.

Acerca desse pensamento escreve Roudinesco (2003, p. 20):

Na época moderna, a família ocidental deixou portanto de ser conceitualizada como paradigma de um vigor divino ou do estado. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, paradoxalmente, a instituição humana mais sólida da sociedade.

Esse conceito da família de outrora, considerada autoritária, triunfal ou melancólica dá lugar a uma outra concepção de família. A família atual, originária da relativização, com suas mutilações, seus recalques e mazelas, que a figura do pai também se modifica, se transforma, conforme mostra Roudinesco (2003, p. 21) “ao perder sua auréola de virtude, o pai, que dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado [...]”.

Por este recorte, percebe-se que os modelos de famílias variam de acordo com o tempo, espaço e contextos, sejam estas famílias organizadas em uma base de

hierarquias, sob a égide do autoritarismo ou não, sejam organizadas em modelos e paradigmas mais ou menos submissos. Todas as transformações pelas quais as famílias passaram de alguma forma repercutem na concepção de paternidade e conseqüentemente na construção da subjetividade, a partir da consideração de que há interação, relação dialógica e comunicação entre seus membros, os pares que formam a família, posto que “em toda investigação psicanalítica da história de uma vida, é sempre possível explicar o significado das lembranças da primeira infância [...]” (FREUD, 1996f, p.160).

#### 2.4 LACAN E O COMPLEXO DE ÉDIPO: INTERFACES COM A FAMÍLIA

Publicado em 1938, pela Encyclopédie Française, “Os complexos familiares na formação do indivíduo” aborda a família como um grupo natural de pessoas com dupla relação, definida uma, como relação biológica e outra, como relação social, ambas proporcionadas pelo meio. Sobre complexos, é possível esclarecer que “são o eixo a partir do qual a criança é possível separar-se do outro ao qual nasce submetido, construir uma imagem de si e do outro [...]” (ANGELO, 2007, p. 28)

Nesse sentido, família e complexos são evidências a serem consideradas na constituição subjetiva, e, portanto é essencial o papel desempenhado pela família na transmissão da cultura, das tradições espirituais, na manutenção dos ritos e costumes, já registrados anteriormente, quando descreveu-se a concepção de família antiga, na visão de Fustel de Colanges (2006), bem como na conservação das técnicas e do patrimônio. Enfim, nas palavras de Lacan (2003, p. 30-31) a família:

[...] rege os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico, a organização das emoções segundo tipos condicionados pelo ambiente, que é a base dos sentimentos segundo Shand: em termos mais amplos, ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo funcionamento ultrapassa os limites da consciência.

Ainda em Lacan, observa-se “o peso da família como objeto e circunstância psíquica aumentando”, quando este admite que “os complexos, imagos, sentimentos e crenças serão estudados em sua relação com a família e em função do desenvolvimento psíquico que organizam desde criança criada na família até o adulto que a reproduz” (LACAN, 2003, p. 36), fazendo importantes considerações em relação ao Complexo de Édipo.

Na verdade, Lacan discute a organização da família segundo as imagens paternas e maternas, atribuindo à mesma a humanização do sujeito, ao desenvolver a sua personalidade e na relação em que a figura do pai se apresenta como central: “se Freud coloca no centro de sua doutrina o mito do pai, é claro que é em razão da inevitabilidade da questão” (LACAN, 2005a, p. 71), significando manter, mesmo que de forma simbólica, a valorização da figura do pai.

Nessa esteira de pensamento, Lacan (2005a) destaca a figura do pai como primordial, anterior<sup>3</sup> ao interdito do incesto e até ao surgimento da Lei, da ordem, das alianças, do parentesco, das estruturas e da cultura, justificando a posição do pai, estabelecida por Freud, como o chefe da horda e, como tal, sua satisfação é irrefreável, traduzido nas suas próprias palavras: “Que Freud chame esse pai de totem adquire todo sentido à luz dos progressos introduzidos pela crítica estruturalista de Lévi-Strauss, sobre a qual vocês sabem que põe em relevo a essência classificatória do totem” (LACAN, 2005a, p.73).

É sabido que na psicanálise o complexo de Édipo representa um importante conflito estruturante no desenvolvimento da criança, bem como um “rito de passagem” da fase infantil da criança para a maturidade, se constituindo talvez, como momento a partir do qual se organizam as relações que constituem a família. Para Freud (1980), o apogeu da sexualidade da criança, período denominado pelo mesmo como fase fálica, é quando e onde se situa o advento do complexo de Édipo. E, aqui, retoma-se de forma emblemática um diálogo de Lacan acerca de Freud, sobre o complexo de Édipo, descrito por Julien (2002, p. 61): “o complexo de Édipo é chamado assim na medida em que está em correlação com o complexo de castração”, ilustrando a formação e a constituição de parte de uma experiência vivenciada, cuja finalizada se dá pelo complexo de castração e a na sequência pela introjeção da lei paterna na forma do supereu.

E, Lacan (1981b), ainda partindo de Freud, pontua que o complexo de Édipo marcaria os níveis de desenvolvimento do psiquismo, essencialmente quando se trata da maturação da sexualidade e no desenvolvimento do psiquismo, haja visto o escrito de Freud (1920) “cada pessoa que chega no mundo se prepara para vencer

---

<sup>3</sup> A figura do pai é anterior ao interdito do incesto quando Lacan a considera como anterior a entrada do drama particular de cada sujeito, ou seja, quando ele a considera em sua dimensão simbólica ao qual todos sem exceção estão submetidos.

o complexo de Édipo[...]” (JULIEN, 2002, p.61). Portanto, é possível dizer que o desenvolvimento e a maturação da sexualidade são condicionados pelo complexo de Édipo.

### **2.4.1 E o que é o complexo de Édipo?**

Considerado tema central em Psicanálise, o Complexo de Édipo tem relação com o complexo de castração, o complexo da diferença sexual e o complexo das gerações. Criado por Sigmund Freud, quando pensou através da palavra Ödipuskomplex, em um complexo ligado ao personagem de Édipo, criado por Sófocles da mitologia grega (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em “Dicionário de psicanálise”, Roudinesco (1998) explica que na história da psicanálise, a palavra Édipo, no decorrer do tempo, substituiu a expressão complexo de Édipo e designa tanto o complexo criado por Freud como o mito fundador e orientador da psicanálise, no que diz respeito à elucidação dos conflitos nas relações do indivíduo com sua origem e sua relação familiar e histórica.

Sobre o complexo de Édipo, explica Roudinesco e Plon (1998, p. 166):

Ele é a representação inconsciente pela qual exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas.

Segundo os textos sobre o legado de Freud e Lacan (1996), a universalidade dos desejos edipianos nas múltiplas culturas e em tempos e espaços distintos, tornando o complexo de Édipo um importante conceito da psicanálise, que determina a sexualidade e a subjetividade como também é fator estruturante e organizativo do devir humano de homens e mulheres em diferentes gerações.

Como nos interessa aqui o papel e a função do pai no complexo de Édipo, vale resgatar os três tempos do Édipo, na visão de Julien (1999). No primeiro tempo, existe uma ligação entre a criança e a mãe, com a exclusão do pai, aonde se tem o desejo, o incesto e o assassinato do pai. Ela se identifica e procura ser o objeto satisfatório para a mãe. É quando a metáfora paterna age por si: a mãe, como falante, já submetida pela lei, pela existência do símbolo, do discurso. O segundo tempo é aquele da angústia da castração, onde a criança imagina o pai como uma

ameaça de castração. O terceiro tempo é o da ligação incestuosa com a mãe, e a angústia da castração desaparece, a criança salva o seu eu voltando-se para o pai.

Sobre o complexo de Édipo, em “O Seminário 4” (LACAN, 1995) aborda-se a descoberta freudiana, em relação a mulher, numa posição de subordinação na ordem simbólica. Segundo ele, “o pai é para ela, inicialmente, objeto de seu amor – isto é, objeto do sentimento que se dirige ao elemento de falta no objeto, na medida em que é pela via desta falta que ela foi conduzida a esse objeto que é o pai” (op. cit., p. 207). Instituído-se a ideia de que essa subordinação simbólica perpetua até a substituição deste pelo outro, que poderá preencher o mesmo papel do pai, através da procriação, traçando assim o desenvolvimento do supereu como “a instância que surge com o recalque do ódio dirigido ao pai” (ANGELO, 2007, p. 31). Daí considerar o supereu herdeiro do complexo de Édipo pela identificação ao pai idealizado.

No caso do menino a função do Édipo é mais claramente demonstrada na destinação da identificação do sujeito com seu próprio sexo, que se traduz na relação ideal e imaginária com o pai, não sendo, porém este o verdadeiro objetivo do Édipo, e sim que este sujeito “ceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai” (LACAN, 1995, p. 208), o que é considerado por ele uma “montanha de dificuldades”.

## 2.5 A LINGUAGEM E O PSQUIZISMO DOS SUJEITOS

Na perspectiva da psicanálise, entende-se que o sujeito não nasce e não se desenvolve, ele se constrói, se estrutura, se forma e se constitui pelo e no desejo do Outro. E de acordo com Lacan, o discurso determina o sujeito, sendo este dividido, atravessado pela linguagem. Isto é, antes mesmo de o sujeito nascer, ele já é objeto do discurso, no desejo dos pais, visto que este sujeito se constrói na relação com outro através da linguagem. E a respeito do sujeito e sobre a linguagem, tem-se:

Seus meios são o da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (LACAN, 1998, p. 259).

Evidenciando a relação da linguagem com a formação do psiquismo do indivíduo, Lacet (2004, p. 245) esclarece que “ao considerar a constituição do sujeito e sua determinação pela linguagem, [...], como a operação que possibilita o acesso ao

simbólico, [...]”. Também Lacan (1981) discute sobre a linguagem, a subjetividade e a perda simbólica com o imaginário, afirmando que é a linguagem, fator que possibilita a perpetuação da expressão, como modo de registro simbólico da comunicação intersubjetiva, indicando a castração como um elemento que define a perda, de forma simbólica de um objeto imaginário.

De outra forma, é possível dizer que a tradução do desejo em linguagem perpetua a insatisfação do próprio desejo, renascendo no dia a dia, sempre de outras formas e em outros espaços, não necessariamente ligado diretamente ao objeto de desejo primevo, mas ao significante suscetível de simbolizar o objeto. Portanto, a metáfora paterna permite ao sujeito o acesso ao simbólico, podendo ocultar o próprio desejo na significação de objetos substitutos pelo objeto perdido. Trata-se do caráter metonímico do desejo, considerada a principal moção da estrutura psíquica.

Sem traçar uma trajetória didática sobre a linguagem, mas apenas registrar sua importância na construção da subjetividade, Angelo (2009), sobre a linguagem, nos aponta que esta não vem de um inatismo, não está garantida pela genética ou pela fisiologia, pelo contrário, a linguagem se desenvolve e se articula pelo discurso, inclusive nos colocando como seres dependentes deste discurso com o Outro, pela nossa condição humana. Corroborando esta ideia em relação à dependência do sujeito ao grupo, Haddad (2004) esclarece que:

[...] A linguagem chega ao sujeito dada pelo grupo em que ele nasce, sob a particularidade de uma língua dita materna. Ei-lo por aí mesmo preso numa articulação com o grupo cultural em que ele encontra, com a particularidade de sua linguagem, sua inserção no mundo e em suas categorias de pensamento, nó definitivo que só a morte vai desfazer (HADDAD, 2004, apud ANGELO, 2009, p. 140).

Precisamente, a linguagem e suas leis, as leis dos significantes, regem a formação do sujeito na relação com o Outro, os pais ou os que são responsáveis pela função paterna, demonstrando, portanto a relação sujeito, linguagem e psiquismo.

## 2.6 A FUNÇÃO DO PAI NA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA DO INDIVÍDUO

Retornando a Lacan (1999), pode pensar que a psicose seria, então originária do encontro do sujeito com o pai que é o próprio real, o qual atualiza a preclusão que antes se realiza na metáfora paterna, e se incluía como o sujeito e seu objeto de desejo. Ele afirmaria, sobre o pai: na família, o pai é tudo, representando vários papéis, pode ser o que quiser, ser ou não algo, com muita ou pouca importância,

pois a “metáfora paterna” concerne à função do pai de acordo com as relações inter-humanas, sabendo-se que:

A posição do pai como simbólico não depende do fato de as pessoas haverem mais ou menos reconhecido a necessidade de uma certa sequência de acontecimentos tão diferentes quanto um coito e um parto. A posição do Nome-do-Pai como tal, a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico. Pode-se materializar-se sob as diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante (LACAN, 1999, p. 187).

Extraíndo da citação de Lacan, sobre a posição do pai simbólico independente de fatores tais como “coito”, “parto”, “procriação”, traz para a discussão Soler (2012) o que chama de “sem família”, afirmando sobre “[...] a função Nome-do-Pai não é necessariamente solidária a família”. O verdadeiro abandono paterno é quando a função paterna como nomeante não se apresenta. Ou seja, “a família não é a condição da nomeação. Esta decorre de um dizer existencial que nada tem a ver com a instalação conjugal” (SOLER, 2012, p. 172).

Portanto, pode-se inferir que a família seria justamente a construção lógica que permite uma nomeação de um filho por um pai, e talvez a família seja de fato assim, e não uma família modelar. A verdadeira família para o sujeito é esse Outro que o acolhe e que permite essa nomeação paterna. Retomemos aqui, o texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (LACAN, 2003) quando explica que “entre outros grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura” (LACAN, 2003, p.30), isto porque, como eminentemente cultural, a família seria uma constelação que permite que uma criança seja acolhida por um Outro, e esse acolhimento implica fundamentalmente na transmissão desse nome do pai. Significa dizer que a família seria eminentemente isso, independente do seu modelo, independente de uma instalação conjugal conforme os ideais, ou conforme uma sociedade, ou conforme o esperado.

É o mesmo Lacan que apresenta o conceito do Outro, primeiro citando Hegel ‘o Outro é aquele que me vê, e é isso que, por si só, faz travar-se a luta, [...], e posteriormente, “é o Outro como lugar do significante” (LACAN, 2005, p. 32-33), para prover a necessidade da criança, do sujeito.

A partir da provisão das necessidades da criança e a formação do sujeito, a questão do abandono do pai, abordada neste trabalho, se delineia ou se dilui, no desejo do Outro, pois a função do pai é transmissível, é nomeante, ou seja, “a nomeação Nome-do-Pai pode passar sem os pais [...]” (SOLER, 2012, p.177), valendo a

premissa de que não é a família modelar que faz o pai-Nome-do-Pai, mas que o nomeia, que faz os corpos se sentirem próximos, juntos, pois:

A única presença exigível do pai – a única que obsta à psicose, pois a questão não é a dos prazeres do cotidiano conforme o pai estiver ali ou não -, a única presença exigível é a do dizer que o nomeia. Evocando um cuidado paterno específico, Lacan não se coloca na onda da paridade, é seguro, mas tampouco, creio, na onda machista do patriarcado, que, aliás, 'já era' em nossas paragens (SOLER, 2012, p.177).

O próprio conceito de família, portanto, é o que está em questão. Poderia-se dizer então que, na perspectiva discutida pela psicanálise, a família independente de sua configuração, porém como instituição, por excelência, seria o espaço onde ocorre a operação lógica da metáfora paterna, com a responsabilidade de introduzir a criança no campo do discurso, de uma filiação, a partir do momento e também na medida em que a nomeia como membro da própria família, para além do campo do prazer, gozo e desejo materno.

A perspectiva apresentada por Chulam (1995), no livro “Escritos sobre os escritos de Lacan”, mostra a lei sob a forma do Nome-do-Pai, sendo este que impede e nega ao sujeito toda e qualquer possibilidade de realização de seus desejos através da linguagem. Pois é através da linguagem que o sujeito recebe o primeiro não, como ponto e marca de outros “nãos”, nomeadamente o Nome-do-Pai é Lei é proibição – da proibição do incesto, e do incesto como modelo dessa suposta realização -, caracterizando o processo de subjetivação da criança.

De outra forma, em relação à função do pai, ser apenas um nome, um símbolo que se usa para situar o indivíduo no tempo e espaço que a sociedade e a cultura lhe propõem ou impõe e o Nome-do-Pai seria o aparato da função simbólica, tipo de identificação da imagem da lei (SPANANO, 2012).

## 2.7 A INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Para constatar que o discurso familiar contribui efetivamente na formação do sujeito e tem-se apoio na afirmação de Kamers e Baratto (2004, p. 40) que dizem: “desde a Psicanálise, sabemos que a condição do sujeito implica a presença de Outro real, representante do simbólico, que encarne a função paterna para o pequeno”, justifica essa dependência como uma “insuficiência psíquica e orgânica” (KAMERS; BARATTO, 2004, p. 41) do bebê ao nascer, que necessita de todo o aparato físico,

afetivo, social e orgânico para o seu desenvolvimento, condizente com a sua condição, estágio do desenvolvimento humano. É possível, pois, dizer que:

Em se tratando de humanos, é o Outro, através de seus representantes (pai, mãe, educadora etc), tomados aqui como função humanizante, que irá localizar o sujeito no campo da cultura humana. Referimo-nos às funções materna e paterna, que não implicam, necessariamente, a presença do pai e da mãe real [...] (KAMERS; BARATTO, 2004, p. 41).

Sabendo-se que o bebê humano precisa de cuidados essenciais para o seu desenvolvimento, e que sozinho não poderia ter a experiência de existir, também para que um sujeito se constitua, faz-se necessário que tenha alguém que o *olhe* e veja aí o futuro sujeito que virá. O sujeito então se apodera desta imagem constituída no *olhar* do Outro e faz dela a matriz do que será sua possibilidade de ser sujeito. Aubry (2004) denomina essa relação como o eixo do desenvolvimento e da estruturação da personalidade, no qual “o inconsciente do filho é feito da fala da mãe, depois da fala do pai e, enfim, da fala da coletividade, através dos sujeitos que a ele se dirigem” (AUBRY, 2004, p. 279). Seria isto o referenciado “estádio do espelho” em que a criança através da imagem nomeada pela mãe, assume como uma primeira identificação.

Sobre isso, Lacan (1998, p. 97, grifo do autor), com muita propriedade, explica:

Basta compreender o estágio do espelho como uma **identificação**, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*.

Para melhor compreender a relação da criança e sua subjetivação no estágio do espelho, aporta-se ainda nos escritos de Lacan, citado por Jorge (2005, p. 45, grifos do autor):

O estágio do espelho é, para Lacan, o momento inaugural de constituição do eu, no qual o *infans*, aquele que ainda não fala, prefigura uma totalidade corporal por meio da percepção da própria imagem no espelho, percepção que é acompanhada do sentimento do outro que a reconhece como verdadeira. O **eu** é, assim, descrito por Lacan como mecanismo **imaginário**, embora sua constituição não prescindia do reconhecimento simbólico do outro.

Outra autora a trazer contribuições acerca deste processo é Nasar (2013) quando diz que eu humano se constrói em função das relações de suas identificações constitutivas no decorrer de toda uma vida onde a experiência do bebê de identificação com o outro, dá início de uma relação imaginária, como também erótica com o mundo.

Nessa perspectiva, lembra-se sobre o estádio do espelho que no dizer de Nasar (2013, p. 27) que: “O estádio do espelho ocorre num aquém do que se dá como linha de retorno da necessidade e num para além da demanda que nasce no campo do outro, seja este representado pela mãe ou qualquer outro [...]”.

Assim, se permite explicitar que é através da operação do estádio do espelho que se instaura a matriz do desejo e, posteriormente a realização de toda a experiência do complexo de Édipo, no qual surgem as trocas de forma simbólica do sujeito com o Outro e conseqüentemente sua identificação.

A partir dessa primeira percepção da imagem, posteriormente outras imagens vão se construindo, no decorrer do seu desenvolvimento, desembocando nos complexos.

Os complexos são o eixo a partir do qual à criança é possível separar-se do outro ao qual nasce submetido, construir uma imagem de si e do outro e conjugar minimamente seu sexo anatômico com a marca da sexualidade que lhe foi transmitida pela geração anterior. São eles: o complexo do desmame, o complexo da intrusão e o complexo de Édipo (ANGELO, 2007, p. 28).

O complexo do desmame fixa no psiquismo a relação da amamentação na idade mais tenra do homem, representando a forma primordial da imago materna. Por imago, entende-se uma representação inconsciente resultado dos efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência, de caráter distinto e contingencial admitido como elemento fundamental do complexo. Para Lacan (2005, p. 35) “os complexos e a imago revolucionaram a psicologia, e especialmente a da família, que se revelou como lugar de eleição dos complexos mais estáveis e mais típicos [...]”, ou seja:

os complexos demonstraram desempenhar um papel de organizadores no desenvolvimento psíquico; assim é que dominam os fenômenos que, na consciência, parecem os mais integrados na personalidade; assim é que são motivados, no inconsciente, não apenas justificações passionais, mas racionalizações objetiváveis (LACAN, 2005, p. 35).

E, como já visto na menção das páginas anteriores, fatos como os complexos e imago faz aumentar a responsabilidade e o peso da família como objeto na construção ou formação da circunstância psíquica dos sujeitos, ratificado novamente por Roudinesco (2003, p. 21) que dirá “à família autoritária de outrora, triunfal e melancólica sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas”.

Portanto, o desmame funda os sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o sujeito à família, sendo o mais primitivo complexo da construção do psíquico.

O complexo de intrusão seria a representação da experiência percebida pelo sujeito primitivo quando se reconhece entre irmãos, ou pela convivência de seus semelhantes na vida doméstica (LACAN, 2003).

Já o complexo de Édipo se apresenta com a presença de um desejo, dito desejo sexual, que a criança, inicialmente, fixa-o no objeto mais próximo, que nesta fase, seria a mãe. O seu desfecho é provocado pela renúncia da satisfação pulsional decorrente da presença de um terceiro, o pai, como agente da interdição do incesto (LACAN, 2003).

Ainda sobre o complexo de Édipo, Lacan (1999) afirma que a função do pai tem lugar de destaque na história da análise e está no centro da questão do Édipo, revelado pelo inconsciente. A formulação do complexo de Édipo, inicialmente tido como universal e fundamental na neurose, tem esta concepção modificada quando Freud diz que ele se encontra também no normal.

## 2.8 AS RELAÇÕES FAMILIARES, OS COMPLEXOS E A FUNÇÃO DO PAI NA ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA

Já tendo sido discutido a questão da família através de uma breve trajetória histórica, nas perspectivas de Freud, Lacan e outros, as relações e a função desta, e especificamente a função do pai já mencionada entremeadamente nas explanações anteriores, vale agora ampliar a definição, trazendo o que é ser pai na atualidade.

De chefe político e religioso, com a modernidade, as definições ampliaram, se multiplicaram e se modificaram. No entendimento de Julien (1997), quando este discute a feminilidade em sua obra “A feminilidade velada”, alerta que o declínio do pai inicia-se a partir do deslocamento do poder deste para a mãe, ilustrada pela decisão da mulher sobre a maternidade ou não. Posteriormente vem à definição do pai social, como provedor, que também perde poder, considerando que a mãe trabalha e também provê.

O pai, como função educativa, considerada a mais sedutora, se fragiliza ao ser substituível por um Outro. E, uma outra função, a função denominada de maternalizante, em que o pai é aquele que dá voz à criança ainda durante a gestação, relacionando-se corpo-a-corpo, dividindo o privilégio de uma sensorialidade pela criança com a mãe, se colocando de certa forma, na relação com a criança, numa dimensão feminina (JULIEN, 1997).

Vê-se portanto, acerca das relações entre os membros da família, lembrando o pai romano (FUSTEL DE COLANGES, 2006), que ao se caracterizar por ter seu lugar determinado pela nomeação que ele fazia do filho, considerado por todos, o pater romano, aquele que se designa a si mesmo como pai, não sendo determinado pelo fator biológico, mas pelo ritual de reconhecimento, a designação do próprio filho por um gesto, uma atitude ou uma palavra, tendo como consequência a denominação de fato da palavra pai, a posição de comando deste no seio da família. Neste momento histórico, a dimensão simbólica da paternidade e o caráter de adoção de toda filiação eram, assim evidentes.

Em oposição a tal, apresenta-se o cristianismo com seu dogma, referendando a função simbólica do reconhecimento, obrigatoriamente, com a paternidade biológica. Ou seja, há aspectos distintos entre o pater romano e o pai cristão: enquanto o pai romano se constrói na relação, o pai cristão, submetido a Deus, tem seu direito assegurado, não por sua vontade de reconhecimento, mas pela sua origem divina (FUSTEL DE COLANGES, 2006).

Na busca em compreender outros aspectos sobre a figura paterna e sua função, na formação e construção da estrutura psíquica, destaca-se o paralelo feito por Gomes e Resende (2004). Para eles, a teoria psicanalítica parte do pressuposto que o papel estruturante do pai se instaurou a partir do complexo de Édipo. Ou seja, o sujeito se constrói na relação familiar, saindo do estado natural para ingressar na sociedade cultural, ou mais especificamente: “o pai representa a possibilidade do equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real. A figura paterna ganha contornos no processo de desenvolvimento” (GOMES; RESENDE, 2004, p. 121).

E mais, sabendo-se que toda a história da humanidade perpassa pela miséria, pelos conflitos repletos de horror e violência, e que esta humanidade nasceu junto com a lei, a do interdito do incesto, trazendo consigo o inevitável dos abusos e excessos e

que o homem, por sua precariedade e por ser desprovido de uma barreira natural à sua agressividade, carece de ser acolhido amorosamente e reconhecido por sua fala, já citado anteriormente, faz-se necessário à construção de limites e valores que permita respeitar-se e ao outro (ANGELO, 2007). E, é a família que vai desempenhar esse papel, o papel primordial na transmissão da cultura, das estruturas do comportamento e da representação cujo funcionamento é estabelecido pela lógica do inconsciente. É a família que responsável pela educação, como também no recalque das pulsões e na aquisição da língua (LACAN, 2003).

Dentre os traços ou modos de organização da família, desde as proibições e leis, constatadas nas formas primitivas da família, através da autoridade, do patriarcalismo, das leis de herança e da sucessão, tem-se o reconhecimento da família como “órgão privilegiado de coerção do adulto sobre a criança, coerção esta a que o homem deve uma etapa original e as bases arcaicas de sua formação moral” (LACAN, 2003, p. 30).

A premissa de que se compreende a família humana pelas relações sociais, é notadamente descrita por Lacan (2003, p. 36): “Complexos, imagos, sentimentos e crenças serão estudados em sua relação com a família e em função do desenvolvimento psíquico que organizam desde a criança criada na família até o adulto que a reproduz”, potencializa a família como objeto e circunstância psíquica, dando a mesma um lugar de eleição dos complexos. Definido por Freud, inicialmente como fator essencialmente inconsciente, o complexo, afirma Lacan (2003, p.33) “[...] liga de forma fixa um conjunto de reações que pode concernir a todas as funções orgânicas, desde a emoção até a conduta adaptada ao objeto”.

Partindo da hipótese explicitada de que o indivíduo privado da figura paterna se ressentido na estruturação psíquica e no seu desenvolvimento social e cognitivo, pois não vê um referencial, o limite necessário ao processo de construção da sua subjetividade, encontra-se amparo nas pesquisas realizadas por Sganzeria e Levandowski (2010), quando afirmaram que “de modo geral, foi possível perceber que a ausência paterna pode trazer prejuízos ao desenvolvimento afetivo e social dos adolescentes” (SGANZERIA; LEVANDOWSKI, 2010, p. 1). Estes iniciam a discussão pelo mesmo viés dos demais teóricos: a família. Segundo os mesmos, a família caracterizada por um sistema com relação direta aos processos sociais, econômicos e culturais, transformou-se passando da família tradicional para novas

famílias, com configurações e dinâmicas distintas, diversificadas, como por exemplo: as famílias uni parentais, homossexuais, formadas por recasamentos etc. A partir daí, cresce o interesse pelo assunto, considerando a importância do pai para o desenvolvimento da criança, após as repercussões da ausência do mesmo nos aspectos físicos e psíquico, motivada por inúmeros divórcios, separações ou até mesmo pela opção individual do sujeito.

Reconhecidamente, a presença paterna é essencial na inserção da criança do seio da família e, posteriormente, no mundo social, pois que possibilita à criança a afirmação de si, perfil firme, capacidade de ser e conviver no ambiente social, conforme afirmação de Sganzeria; Levandowski (2010, p. 2): “independente da organização da família, os pais têm hoje reconhecida a sua importância peculiar ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos”, e mais sobre a ausência ou presença paterna, especificamente, pontuam que “as teorias psicanalíticas, durante muito tempo, ressaltaram o lugar do pai como interventor, como lei, embora considerem a mãe como figura fundamental para o desenvolvimento e a saúde psíquica das crianças” (SGANZERIA; LEVANDOWSKI, 2010, p. 3.).

Mais ainda, com os estudos e pesquisas sobre o tema, Sganzeria; Levandowski (2010), a guisa de conclusão, indicam o quanto a ausência ou até mesmo a existência de uma relação sem harmonia ou mesmo pouco harmoniosa entre pai e filho poderia ser considerada fator de risco na formação e desenvolvimento do psicológico do mesmo. Contudo, considerando o ponto de vista da psicanálise, é preciso considerar que, para além dos atores da família tanto o “pai” quanto a “mãe” são funções que ultrapassam os próprios sujeitos que a encarnam e sustentam.

Mas o que seria, então, a ausência paterna? Considerada de difícil definição a resposta a esta questão e muitas vezes confundida e usada para referenciar fatos e situações diversas, como por exemplo, que a “ausência paterna seria decorrente da distância emocional/falta de afeto, que pode acontecer mesmo naquelas situações em que o pai está fisicamente presente”; ou que a ausência paterna seria de fato “a falta de convivência física (contato) entre pais e filhos”, ou o conjunto das duas situações “uma vez que a distância física pode predispor ao afastamento emocional da dupla 'pai-filho’” (SGANZERIA; LEVANDOWSKI, 2010, p.3).

Sobre a ausência, presença ou mesmo a relação sem harmonia entre pais e filhos na família, em suas diversas modalidades, ressalta-se um fator de risco em vários

aspectos, elencados por Sganzeria e Levandowski (2010), após os resultados do estudo: as manifestações de comportamentos delinquentes provocada por prolongada ausência paterna (investigação com 647 adolescentes norte-americanos); início precoce da atividade sexual; alto índice de obesidade.

Entretanto, os autores advertem que as pesquisas demonstram situações comprovadas dos riscos da ausência paterna e as repercussões negativas das mesmas, considerando os motivos e focos das décadas anteriores a década de 80 quando “a ausência do pai teve como foco o contexto das separações/divórcios, temática emergente desde diferentes mudanças sociais da época” (SGANZERIA; LEVANDOWSKI, 2010, p.6), o que seria diverso na atualidade com as novas demandas sociais e as novas identidades de gêneros.

Volta-se as ideias de Aubry (2004, p. 273) quando afirma que “as experiências primeiras formarão as fundações sobre as quais se construirá a própria estrutura de sua personalidade”. É notório que a mesma se referia às possíveis consequências nas relações familiares, destacando, porém, o momento e o meio do grupo familiar, as pessoas que formam essa família e as respectivas funções, isto é, como desempenham tais funções. Aubry (2004) ilustra ainda seu pensamento, com a ideia sobre a constituição simbólica, real e o imaginário do sujeito e recorre a Lacan para explicar que “as incidências imaginárias, longe de representar o essencial de nossa experiência, daí só dão algo de inconsistente, exceto sendo relacionadas à cadeia simbólica que as liga e as orienta” (AUBRY, 2004, p. 274).

Sobre os símbolos, certamente que o homem não cria o símbolo. Este se faz pela relação com o outro, no caso do inconsciente do sujeito, o “valor simbólico do nome do pai vai se ordenar em torno das palavras que lhe serão ditas [...]” (AUBRY, 2004, p. 274). E dentro dessa lógica Lacan (1999) traz a seguinte perspectiva: o pai que para a sociedade seria o pai real, para os membros da família e da sociedade, este pai real, de fato ele é real. Porém, ele só é real na medida em que a própria instituição família ou as instituições sociais lhe conferem a função de pai “[...] seu nome do pai” (LACAN, 1999, p. 187).

No intento de produzir comparações e ampliar o debate, considera-se aqui estudos que tratam da crise da paternidade, da conjugabilidade fundada na parentalidade pela transmissão do desejo ou não, conforme Julien (2000, p.36) “com efeito, só

uma mãe e um pai que foram e ainda continuam sendo um para o outro mulher e homem podem transmitir a *lei do desejo* a seus filhos uma vez crescidos”.

Sobre o desejo, Claude Dumézil, no seu texto “Do desejo de criança” (2005), nos fala sobre o projeto de adoção como opção tanto no caso da família monoparental como biparental; a adoção como privilégio, enriquecido por um novo elo geracional ou a transmissão dos valores dados pelos pais. Ou seja, a construção da família se faz pelo desejo do homem ou da mulher em ter uma criança incluída, pois:

antes de sermos criança-sujeito, somos a criança de alguém e esses tempos lógicos e cronológicos se reencontram no tempo do desejo de ter uma criança e, notadamente, na adoção, quando esse tempo de desejo passa pelo pedido do consentimento (DUMÉZIL, 2005, p. 64).

Voltando aos estudos citados acima, tem-se especificamente: o primeiro diz respeito à função de pai, do que é ser pai, da dubiedade entre as definições, com base na parentalidade. Afirma Julien (2000, p. 55) que “a parentalidade é de ordem legal: ser mãe, ser pai é ser assim reconhecido pela lei e, portanto, assegurar ao filho ou a uma filha uma filiação”.

Nessa perspectiva, argumenta-se que a fecundação de um óvulo pelo espermatozoide não daria conta de definir o ser-pai, retomando a importância da ordem simbólica para além do biológico, voltando à concepção inicial das relações sociais e culturais, caracterizado pelo encontro real entre o pai e o filho, através do diálogo.

O segundo estudo diz respeito às teorizações de Veludo e Viana (2012). Estes demonstram outra vertente acerca da construção da subjetividade, baseado na parentalidade. Seria um estudo tanto da subjetividade dos pais quanto dos filhos. Na visão destes, “as figuras parentais podem servir de referência para que a criança tente a realização de um grande projeto [...]” (VELUDO; VIANA, 2012, p.117), mostrando a parentalidade como um estímulo. Nesse caso, os autores se referem à parentalidade boa, definida aqui como aquela capaz de auxiliar a criança na consolidação do seu eu.

Sobre “a parentalidade boa” (VELUDO; VIANA, 2012), Gomes e Resende (2004) alertam para a ideia de promoção, às vezes abusiva, da idealização da figura de bom pai, que seria o papel idealizado a ser desempenhado pelos homens afirmando, assim, que:

ao promover o ideal de parentalidade (bons pais ou pais perfeitos), corremos o risco de esmagar os seres humanos sob o peso do imaginário

que afoga toda a vida e todo desejo. O pai “imaginário” não é o pai “real”, felizmente (THIS, 1987, apud GOMES; RESENDE, 2004, p. 122).

Acrescenta-se a tal discussão o entendimento de que a figura paterna em foco, na contemporaneidade, é observada sob o ponto de vista da organização e da estruturação, relações e dinâmicas distintas, com papéis em processo de contínua e constante definição. Ou seja, a figura paterna, o pai “está sujeito e é movido pelas transformações socioculturais” (GOMES; RESENDE, 2004, p. 122).

Nesse sentido, os autores citados tratam, de fato, da figura paterna, aquela que transita em meio às situações diversas seja por meio da presença concreta ou da efetiva ausência, caracterizado como “o pai institucional, o pai provedor, o pai protetor, o pai herói, forte e viril, pai frágil, pai omissivo, entre outras”(GOMES; RESENDE, 2004,p.120).

Também a função dos pais é valorizada pelos estudos realizados por Checchinato (2007, p. 22) quando afirma de forma explícita:

São os pais que concebem e recebem o ser humano. Já em seu nascedouro, a criança completamente desamparada começará a receber deles, a Lei, isto é, a palavra mediante a qual iniciará sua grande, contínua e infinda caminhada de representação de sua pulsão, transformando-a em seus desejos.

As conclusões de Checchinato (2007) são interessantes sob o ponto de vista da compreensão das questões elencadas neste estudo. Admite o autor que “a pulsão é a fonte e a razão da ética” e “os pais que deixam seus filhos ao bel-prazer da pulsão solta causam-lhes grande mal. Mergulham-nos numa angústia existencial profunda” (CHECCHINATO, 2007, p. 23).

E, sobre a pulsão, Checchinato (2007) explica que todo animal é movido por uma energia pré-codificada, exceto o ser humano, que mesmo sendo um animal é movido por uma energia de outra ordem, uma força chamada de pulsão. A ideia de pulsão é definida como:

Trata-se de uma força que age na interface do psiquismo e do físico, animando a ambos na forma de um mesmo ser. A pulsão é uma força absolutamente neutra, não é nem boa nem má. É uma força que procura unicamente encaminhamentos, trilhamentos, para se satisfazer. Em si, é uma força solta, indeterminada. É puro *appetitus*. É por isso que necessita de aviamentos, precisa de balizas, para que aquele ou aquela que ela anima, aos poucos transforme-se em sujeito, isto é, humano, civilizado (FREUD, apud, CHECCHINATO, 2007, p. 18, grifo do autor).

E para “dominar essa força” (grifo nosso) diante à observação feita por Checchinato (2007) sobre a criança não ter vontade “não ter querer” (grifo do autor), entendendo esse dito popular, como a criança precisa ser educada, ou seja, a pulsão precisa ser

codificada pela Lei, ou mesmo a criança precisa aprender a querer, significaria que a pulsão precisa ser trabalhada, educada através da determinação do Outro, o que retoma Lacan “[...] o desejo do ser humano é o desejo do Outro” (apud, CHECCHINATO, 2007, p. 23).

Acerca da educação, Checchinato (2007) cita Freud para mensurar sua importância, quando Freud compara a educação ao ato de governar e de fazer a psicanálise, trazendo para os pais e educadores a responsabilidade de “moldar” as pulsões, reafirmando que “a educação consiste em oferecer à criança, significantes que a insiram em sua subjetividade, na cultura, na convivência humana, [...], e incumbe aos pais e educadores uma responsabilidade ímpar” (CHICCHINATO, 2007, p.19). Essa responsabilidade como incumbência dos pais e educadores, ratifica a tese, com base nas considerações de Freud, quando escreve “responsabilidade, essencialmente paterna” (CHICCHINATO, 2007, p.18), e ainda reflete sobre a qualidade destes significantes no cotidiano, com os quais as crianças convivem, fazendo uma analogia interessante: os tesouros tais como o amor, o bem-querer, o carinho, o respeito, a benevolência, por exemplo, devem ter um lugar que os guardem, um porta-joias, assim como também os preconceitos, o ódio, o rancor, a desavença dos pais, etc, podem ser guardados e ter consequências, justificando a premissa “A subjetividade da criança sofrerá efeitos singulares dos significantes presentes nos mais diversos momentos de sua ex-sistência” (CHICCHINATO, 2007, p.20).

## 2.9 DISCUTINDO CONCEITOS, AMPLIANDO CONCEPÇÕES

Na pesquisa ler, refletir, comparar as diversas e inúmeras teorias é o caminho para novos horizontes e novas descobertas. Assim, debruçar-se sobre os conceitos e definições apresentados por Nasio (1997), em seu livro “Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise” permite desvendar outras possibilidades de estudo e reflexão a partir das definições e ideias apresentadas. Iniciando, pode-se citar a discussão que este autor faz do conceito de *identificação*, na instância do inconsciente, baseado nas contradições entre Freud e Lacan, apresentado como conceitos extremamente desafiantes para a percepção acadêmica. Enquanto Freud transplanta o esquema tradicional de discussão das ideias, deslocando-o do espaço psicológico e tridimensional para o espaço inconsciente, o segundo efetua um duplo

reviramento: não apenas a identificação é inconsciente, não apenas significa engendramento, mas o processo é invertido.

Na rica discussão sobre os conceitos e aplicação da identificação, Nasio (1997, p. 32) afirma:

a identificação, tal como concebida pela psicanálise freudiana, é um processo de transformação efetuado no próprio seio do aparelho psíquico, fora do nosso espaço habitual e imperceptível diretamente por nossos sentidos.

Outra vertente discutida acerca da identificação foi apresentada por Gérard Pommier, quando teorizou sobre a homossexualidade. Porém, usada aqui como apoio para melhor compreender o termo identificação, na relação pai e filho. Segundo ele, “a identificação com o pai não resulta de seu papel pacificador, de sua bondade, ou de seus cuidados, mas do papel violento e castrador que lhe é dado” (POMMIER, 2005, p. 38).

Estes conceitos apresentados em muito puderam contribuir para a compreensão dos dados e das informações coletadas acerca do problema em estudo, pois claramente o autor afirma e traz a relação do sujeito com a função do pai, tratada através da identificação inconsciente e indiretamente perceptível, exemplificando a situação na reprodução de atitudes e comportamentos do sujeito, neste caso, um filho, cujo pai falecido, não seria uma forma ilustrativa da identificação. Porém, se as atitudes desse mesmo filho apresentassem um desfalecimento repentino de caráter histérico, seria sim, identificação inconsciente (NASIO, 2007).

Sobre a função do pai, Lebrun (2010) considera se pertinente e necessário fazer distinção da função de pai no social também denominada de função patriarcal como função paterna, entendida aqui como o lugar que poderia ser ocupado por qualquer e não apenas como o papel do pai, ou seja, função do pai biológica, função paterna real, função paterna imaginária, função paterna simbólica, função paterna na estrutura enquanto Julien (2002) no texto “O amor pelo pai em Freud” problematiza a questão acerca da primazia do simbólico sobre o imaginário e o real na situação peculiar de que o:

significado paterno esteja na Mãe, tomando o lugar em vez do Outro. Então, o significante, o enigmático para a criança, da presença e da ausência do corpo da Mãe que-vai-que-vem, é substituído por outro significante, que Lacan nomeou com este nome—do-Pai: substituição metafórica, estrutura mínima que sustenta o resto (JULIEN, 2002, p. 174-175).

Também Mourão (2011) apresenta um considerável posicionamento quanto à identificação, que leva-se a direcionar toda uma compreensão sobre os discursos resultados da pesquisa de campo. A autora faz uma análise que inclui o processo de identificação, a simbolização da Lei e a função do pai. Expõe seu pensamento afirmando:

Todo esse processo das identificações edípicas, da simbolização da Lei, corresponde ao formalizado teoricamente como Metáfora Paterna. Fundamentalmente, foi o resgate da dimensão do pai, enquanto uma função, no Édipo, que permitiu a Lacan afirmar que “o pai é uma metáfora” e que o próprio Complexo de Édipo corresponde a um processo metafórico – ele é a Metáfora Materna (MOURÃO, 2011, p. 96).

Na Psicanálise, volta-se a Lacan e Freud, quando ambos discutem a função do pai, descrita no texto de Sparano (2011): “Lá onde Freud colocava a função do pai, Lacan faz do Nome-do-Pai um operador simbólico” (MURTA; BOCCA; SIMANKE, 2012, p.131), aqui numa relação próxima com o inconsciente, citado por Nasio (2007) e ratificado por Levizon (2010), quando descreve a experiência de análise de uma paciente acerca de sua condição de adotada, a partir do trabalho de Freud, “Recordar, repetir e elaborar” (1980), afirmando que o indivíduo “recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz, não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente saber o que está repetindo” (LEVIZON, 2010, p. 2).

Sobre o inconsciente, recorre-se a Mourão (2011), na tentativa de ampliar os conceitos, que de forma simplificada escreve “o inconsciente se define [...], esse saber de outra ordem estruturado em torno da fala, em torno de um buraco no saber consciente” (MOURÃO, 2011, p. 60). Sem, contudo deixar de “beber” nas águas de Freud e Lacan, percebida pela proposição de que o inconsciente é estruturado através da linguagem, assim com a psicanálise também é uma experiência da linguagem. Sintetizando, o autor conclui:

O inconsciente é esse corte produzido pela linguagem no sujeito biológico que o faz constituir-se em uma fenda, afastando-o da natureza, das necessidades e aproximando-o do mundo das representações e das demandas (de reconhecimento). Enfim, afastando-o do instinto e aproximando-o da pulsão, do desejo e do gozo (MOURÃO, 2011, p. 61).

Também sobre o inconsciente, Soler (2012) traz sua contribuição, à luz de Lacan. A autora afirma que “na estrutura da linguagem, que fala sem que o sujeito do subjetivo o saiba, e o inconsciente é pensado antes como uma cadeia”. E, nas palavras de Lacan, “inconsciente é uma cadeia tanto quanto o inconsciente é um

desejo” (apud, SOLER, 2012, p. 147). Esta cadeia entrelaçada pelo desejo se constrói pela fala, pela linguagem e pelas relações sociais.

Complementando a ideia de sujeito que se constrói nas relações sociais, a leitura de partes do livro *Psicologia Social Contemporânea* (2010), organizado por Marlene Neves Strey, a partir de textos de autores (BONIM; OLIVEIRA; WERBA) percebe-se, mesmo em outras abordagens, que o ser humano se constitui em um contexto sociocultural, isto é:

o ser humano, ao nascer, traz consigo determinados comportamentos inatos, ligados à sua estrutura biológica. Entretanto, no decorrer do seu desenvolvimento, é moldado pela atividade cultural de outros com quem ele se relaciona (BONIM, 2010, p. 59).

Para discutir um pouco mais sobre o desejo, toma-se Lachaud (2007) que ratifica a questão da identificação relacionado com o desejo, quando afirma que “a identificação imaginária com o semelhante é o meio pelo qual o obsessivo, bem ou mal, equilibra sua economia desejante. Não nos identificamos jamais a não ser com aquele ou aquela que acede à demanda” (LACHAUD, 2007, p. 172).

E finalmente, na expectativa na tentativa de concluir os pontos teóricos que possibilitariam algumas inferências acerca do tema de estudo e pesquisa (de forma alguma concluir o estudo, pois este se prolonga a medida que o sujeito vive e se relaciona), traz-se e Claude Noele Pickmann com uma discussão muito interessante, no seu texto “Feminilidade e homossexualidade feminina: a retomada do amor” (2005), que pondera sobre identificação e sobre constituição do sujeito

pai e mãe estão, num mesmo movimento, o de negação [dêni] da castração produzida pela tese fálica do inconsciente, providos do falo. Os dois pais são idênticamente fálicos enquanto a diferença dos sexos não intervir como tal. Se essa primeira identificação é constitutiva de um ideal, é por que ela se agarra à figura de um Outro não barrado. O Ideal sempre diz respeito a um Outro idealmente fálico cuja castração é impossível [...] (NOELE PICKMANN, 2005, p.71)

### 3 METODOLOGIA

Diante da temática proposta para este estudo pode-se afirmar que ele apresenta aspectos qualitativos (TRIVIÑOS, 1995). A escolha da abordagem qualitativa possibilitou abranger a totalidade do problema investigado, tanto nas dimensões teórica quanto psicanalítica, servindo ao propósito específico de compreensão e interpretação mais significativa do objeto de estudo, conforme pontua Appolinário (2006).

Pela finalidade do estudo, ampliar os conhecimentos dentro da psicanálise e compreender o discurso do sujeito como elemento falante, esta pesquisa se caracterizou como uma pesquisa básica que, segundo Appolinário (2006, p. 62), tem grande importância para a finalidade citada, pois “estaria mais ligada ao incremento do conhecimento científico sem quaisquer objetivos comerciais [...], sendo, portanto, do tipo, pesquisa descritiva. Como toda pesquisa qualitativa é descritiva (APPOLINÁRIO, 2006), as informações coletadas não foram quantificáveis, e sim, interpretadas, após a obtenção dos dados, através dos questionários, no decorrer da pesquisa de campo. Segundo Mattar (2005, p. 152), a pesquisa de campo “não deixa de ser uma pesquisa experimental, mas possui características próprias que permitam distingui-la do universo da experiência”, como o caso deste estudo que se concretizou através de técnicas conforme o parâmetro mais acessível, o questionário.

Como estratégia de coleta de dados, optou-se pelo questionário, definido por Gil (2010. p.121) como “a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações [...]”. Neste estudo, o questionário foi composto por uma série ordenada de perguntas para que os sujeitos pudessem falar livremente, que Severino (2001) denomina de questionário semiestruturado. A aplicação do questionário foi realizada através respostas dissertativas a partir das seguintes perguntas: O que é um pai, ou que é a falta do pai na sua vida? Você se espelha em alguém pra tomar alguma atitude? Referente ao tema “Relações familiares e possíveis consequências decorrentes ao abandono afetivo do pai no desenvolvimento dos filhos”, o que você gostaria de dizer? Quais pensamentos emergem?

Participaram da pesquisa 07 (sete) sujeitos, do gênero masculino e feminino, entre 18 (dezoito) e 50 (cinquenta) anos de idade. A decisão quanto os sujeitos

pesquisados, isto é, que responderiam o questionário, não seguiu a teoria de amostragem com base nos princípios da estatística. Mas, pode-se incluir no tipo de amostragem não-probabilística, que conforme Gil (2010, p. 91) “depende unicamente de critérios do pesquisador”. Assim, a escolha deu-se por opção pessoal e oportuna, considerando fatores de proximidade e disponibilidade dos entrevistados, bem como o princípio ético do trabalho, pois com a aplicação das questões, pretendeu-se depreender aspectos relacionados à percepção dos sujeitos quanto ao sentimento de convivência ou não com a família e especificamente com o pai, ou alguém que desempenhasse a função de pai. Para identificar os trechos extraídos das falas dos sujeitos nas respostas utilizou-se as letras do alfabeto, de A a G, denominando por ordem alfabética, sujeito A, B, C, D, E, F e sujeito G sem, no entanto, ser utilizado nenhum critério específico para a nomeação das letras. As perguntas foram numeradas de 1 (um) a 3 (três), respectivamente, conforme a ordem que aparecem no texto, isto é, a pergunta número 1 - O que é um pai, ou que é a falta do pai na sua vida?; a pergunta número 2 - Você se espelha em alguém pra tomar alguma atitude? E a pergunta número 3 - Referente ao tema “Relações familiares e possíveis consequências decorrentes ao abandono afetivo do pai no desenvolvimento dos filhos”, o que você gostaria de dizer? Quais pensamentos emergem?

O processo de análise e interpretação dos dados deu-se da seguinte forma: categorização das respostas em agrupamento, onde para cada pergunta, se relacionou todas as respostas, e extrai-se a essência destas para elaborar a análise e interpretação, que segundo Gil (2010) são processos distintos, porém estreitamente ligados. Afirma o mesmo:

a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de resposta ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 2010, p.156).

De posse do quadro geral de respostas e identificada a ideia central extraída das respostas dos sujeitos, foi possível seguir as **três etapas** sugeridas por Miles e Huberman (1994): “redução, exibição e conclusão/verificação” (apud GIL, 2010, p. 175).

Na primeira etapa, **redução** – “processo de seleção simplificação dos dados” (GIL, 2010, p.175), foram compostos grupos de respostas correlatas para cada pergunta.

A segunda etapa, **apresentação** – organização dos dados com apresentação constituída por trechos das respostas e a terceira etapa, **conclusão/verificação** – a análise e interpretação dos significados dos dados, à luz do referencial teórico.

A escolha do método indutivo para analisar os dados coletados constitui-se como fator inerente a abordagem qualitativa e à finalidade da pesquisa que é básica. No método indutivo, a observação dos fatos ou fenômenos que se pretende estudar, pesquisar e conhecer, parte do particular para o geral, ou seja, “de acordo com o raciocínio indutivo, a generalização não deve ser buscada aprioristicamente, mas constada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmados dessa realidade” (GIL, 2010, p. 10).

Assim, a composição final deu-se por dimensões/categorias. Tal composição foi feita no intuito de agrupar as respostas por meio de uma questão reflexiva dentro de cada pergunta/resposta.



#### 4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Em se tratando dos resultados encontrados, é importante ressaltar que alguns aspectos da reflexão identificada nas respostas dos sujeitos se repetem como forma de demonstração do sentimento despertado nos mesmos ao oportunizar uma discussão desta natureza. Daí a opção de selecionar, dentre as respostas coletadas, as que denotam, na essência, uma possibilidade de discussão e reflexão conforme a pesquisa bibliográfica permite. Mesmo porque, algumas respostas se assemelham e se repetem, ficando a possibilidade de utilização de apenas as respostas relevantes para a pesquisa.

Para fins didáticos, objetivando melhor organização dos resultados, foram apresentadas cada uma das perguntas seguidas de excertos das respostas selecionadas e, no final de cada grupo de respostas, as respectivas análises e interpretações.

Na categorização, a primeira pergunta “o que é um pai, ou que é a falta do pai na sua vida?”, teve as respostas delineadas, considerando que os sujeitos tinham condições diversas, ou seja, alguns conviveram com os pais e outros conviveram por pouco tempo devido à separação dos pais e outros nunca conheceram seus pais. Porém, o sentimento em relação ao pai e a função do pai são bastante semelhantes.

Para sujeito **A**, a falta do pai se traduziu em “*uma das dores muito grande foi essa falta de olhar na certidão, na minha documentação e não ter o nome do meu pai*”, não tendo a preocupação de esclarecer o que seria um pai, ou que representava. Nitidamente, demonstrou o sentimento quanto à “ausência” legal.

Para sujeito **B**, existia a presença física, porém fala mais alto a ausência afetiva, traduzida na sua fala “*eu acho que um pai é aquele que tá ali presente com a gente sempre assim, dando amor e carinho assim, que faz falta entendeu. Acho que, eu acho que isso que é ser um pai, tá ali presente na vida do filho, tipo assim compartilhando junto com ele os momentos*”; “*nunca abracei meu pai, nunca tive essa questão de abraçar, de beijar, de falar que amo, nunca tive isso com meu pai, então acho assim que a ausência dele eu sentia mesmo com ele morando com a gente*”.

Nas respostas do sujeito **D**, observa-se uma curiosa articulação com as teorizações deste trabalho. Relata **D**: *“trago algumas coisas da minha infância, quando eu era criança, ele sempre, ele foi realmente um pai, por quê? eu sinto a presença dele, algumas coisas que ele me passava são muito fortes ainda, [...]”; “que e um pai ou a falta dele na minha vida? Aí, tá vindo um negócio – a primeira coisa que tá vindo na minha cabeça assim, e como se eu não sentisse falta. [...] “E aí eu percebo que, a mesma escolha que a minha mãe né, tipo assim, quando ela escolheu o meu pai, e aí eu percebo que o pai do ‘L’ (uso de letra para preservação do entrevistado) é bem parecido né, e isso tem tudo haver sabe, e aí eu percebo, caraca, eu escolhi, parece que, você nem percebe que você escolhe assim, e depois que você separa, quando eu separei que eu percebi pô, é igualzinho, igualzinho. Sabe aquela pessoa bacana pra caramba, te faz rir, é essa visão que eu tenho dele. Sabe aquela pessoa mega palhaça, mega bacana, tipo assim, só que você não pode contar, é assim que é o meu pai, e é assim o pai que eu escolhi pro meu filho”.*

Em **E**, percebe-se a íntima relação da função paterna com o elo representado pela parentalidade, no caso da representação do grupo, a família. Em síntese sua resposta é: *“Ser um pai seria educar, a mesma coisa junto só que a criança tem aquela coisa de família, pra mim boto como muito importante porque é uma família, eu falo pela visão da minha filha que mesmo amando o pai ou amando a mãe eles querem ir junto, eles querem que sejam uma família”.*

Observa-se nas falas dos sujeitos uma “falta”, que Julien (1997) chama de função de maternalizante e também uma função educativa. A função que dá voz à criança, a relação corpo-a-corpo, o privilégio de uma sensorialidade pela criança com a mãe, se colocando de certa forma, na relação com a criança, numa dimensão feminina Também em Julien (2000) encontra-se algo sobre a resposta de A, quando demonstra a importância do pai resumida no documento legal: a certidão. A parentalidade comporta uma ordem legal: ser mãe, ser pai é ser assim reconhecido pela lei e, portanto, assegurar ao filho ou a uma filha uma filiação (JULIEN, 2000).

Na resposta do sujeito **E**, retoma-se Lacan (2003), para entendê-la, em os complexos familiares na formação do indivíduo. Lacan diz que nos grupos humanos a família desempenha um papel primordial, que a família seria uma constelação que permite que uma criança seja acolhida por um Outro, e esse acolhimento implica fundamentalmente na transmissão desse nome do pai. O sujeito **G** deixa claro sua predileção pelo “grupo”, a valorização do conjunto, a família como modelo,

independente de uma instalação conjugal conforme os ideais, ou conforme uma sociedade, ou conforme o esperado, mas a união de duas pessoas a orientar e acompanhar uma terceira.

Interessante registrar na resposta do sujeito **D**, o que diria ter referência aos conceitos psicanalíticos tais como “identificação”, “estádio do espelho” e “imago”. Observando partes de sua fala, tem “[...], *é igualzinho, igualzinho. [...] é assim que é o meu pai, e é assim o pai que eu escolhi pro meu filho*”. Nota-se que o sujeito apodera-se de uma imagem constituída no *olhar* do Outro, neste caso sua mãe, e faz dela uma matriz. A partir desta matriz, cria o eixo do desenvolvimento e da estruturação da subjetividade, no qual “o inconsciente do filho é feito da fala da mãe, depois da fala do pai” (AUBRY, 2004, p. 279), caracterizando “estádio do espelho” em que a criança através de desta imagem nomeada pela mãe, tem a primeira identificação.

Compreende-se assim o estágio do espelho como a identificação e a construção do sujeito quando ele assume uma imagem, como identificação ao Outro.

A interpretação do sentimento de **B**, em relação à presença afetiva, reporta ao pensamento de Checchinato (2007) quando reflete sobre a qualidade dos significantes, na relação dos pais com as crianças, através da analogia: os tesouros, tais como o amor, o bem-querer, o carinho, o respeito, a benevolência são sentimentos que devem ser guardados com joia, pois “a subjetividade da criança sofrerá efeitos singulares dos significantes presentes nos mais diversos momentos de sua ex-sistência” (CHICCHINATO, 2007, p.20).

Também, retoma-se Freud, para refletir sobre o que leva um indivíduo a fazer escolhas. Quando o sujeito **D** afirma: “[...], *é igualzinho, igualzinho. [...] é assim que é o meu pai, e é assim o pai que eu escolhi pro meu filho*”, apresenta uma possibilidade de explicação pela psicanálise, referindo-se ao complexo de Édipo, pois é sabido que o complexo de Édipo representa um importante conflito estruturante no desenvolvimento da criança, que denomina-se rito de passagem - fase de transição entre a idade infantil para maturidade, constituindo-se como vivência que é finalizada pelo complexo de castração e a subsequente introjeção da lei paterna na forma de supereu. Seria então o complexo de Édipo marcando os níveis de desenvolvimento do psiquismo e a maturação da sexualidade, influenciando as escolhas, como no caso do sujeito **D**, o que em síntese seria: o

desenvolvimento e a maturação da sexualidade foi condicionada pelo complexo de Édipo. E Freud já pontuava que a elucidação dos conflitos do indivíduo teria uma relação direta com sua origem e com sua relação familiar e histórica, como explicado por Roudinesco e Plon (1998, p. 166): “o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto[...]”.

Na pergunta número 2 - Você se espelha em alguém pra tomar alguma atitude? A pretensão seria encontrar nas respostas dos sujeitos, extrema valorização da função paterna, considerando que na história da Psicanálise, o complexo de Édipo, segundo Lacan (1999), perpassa toda a relação na família, e o pai tem lugar de destaque na história da análise, bem como sendo o pai questão central do Édipo.

Também a teoria psicanalítica tem como pressuposto o papel estruturante do pai instaurado a partir do complexo de Édipo, conforme anuncia Gomes e Resende (2004, p. 121): “o pai representa a possibilidade do equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real. A figura paterna ganha contornos no processo de desenvolvimento”.

No entanto, têm-se nas respostas dos cinco sujeitos, os demais não responderam a afirmação de ter como modelo outras pessoas da família, com laços biológicos ou não, mesmo para os sujeitos que conviveram com os pais por muito tempo, por pouco tempo ou nunca conviveu com uma figura paterna. As respostas indicaram a figura da “mãe” (duas respostas), da “tia” (uma resposta), “avó” (uma resposta) e “a filha” (também uma resposta), as quais só foram transcritas, as respostas com argumentação. As demais apenas foram citadas de forma monossilábicas e por isso não transcritas.

O sujeito **A** disse: *“Minha filha. Olha, eu não costumo ter muita vontade própria não, eu costume ser meio guiada, assim por pessoas por situações, uma coisa até que me deixa meio confusa, eu sou um pouco, por exemplo eu tenho uma filha hoje ela tem 25 anos, ela é extremamente inteligente, as atitudes que ela toma é tudo muito certinho, ela lembra das coisas, só que ela não me dá muita atenção não a coisa que eu sofro muito com isso, choro com isso, que eu gostaria que ela, não sei ela às vezes eu acho que eu cobro, inverter essa situação, as vezes eu cobro que ela seja minha mãe, que ela cuide de mim, que ela resolva as coisas pra mim”.*

O sujeito **B** respondeu: “*eu me espelho na minha mãe e às vezes, na minha madrinha que eu acho assim, que, por tudo que elas passaram toda relação como casamento e relação doença*”,

Dois sujeitos materializaram suas relações familiares nas respostas: O sujeito **E** afirma categoricamente: “*Tia, fui criada por ela*” e o sujeito **F**, vê-se como resposta: “*A minha mãe de criação [...] mas é ela que eu tenho assim, como referência. E ligo todos os dias pra ela, se eu não ligo de manhã eu ligo a noite*”.

Parafraseando Barros (2001), infere-se que é possível a substituição dos significantes à medida que o Outro se revela pelo desejo, ou seja, “[...] ser um significante que substitui outro significante é a função do pai no Édipo introduzindo o sujeito no simbólico [...] o pai vem no lugar da mãe [...]” (BARROS, 2001, p. 98). Explicando assim, a substituição da função paterna, pelo Outro que lhe assegura uma relação.

Também tem-se em Lebrun (2010) a explicação de que a função paterna se equivale à função da própria linguagem, desmistificando o laço biológico, pois tanto um genitor que carrega o lugar de pai biológico e outro que não fazem a função do pai, conforme o lugar que ocupa junto à mãe. E ainda, pode-se usar a argumentação imposta na:

fecunda e autêntica indagação freudiana: O que é um Pai?“[...] é aquele que, por sua função na constituição psíquica, agencia a interdição dos impulsos sexuais infantis que, nos primórdios da vida, são causados pelos objetos – e profundamente ligados a estes – constituídos nos desmame, a mãe, na intrusão, o rival fraterno ou o duplo (ANGELO, 2007, p. 30).

Para a pergunta **3** - Referente ao tema “Relações familiares e possíveis consequências decorrentes ao abandono afetivo do pai no desenvolvimento dos filhos”, o que você gostaria de dizer? Quais pensamentos emergem?, Apresentaram-se variadas respostas com interessantes interlocuções com as respostas anteriores, até como forma de reforçar o desejo inscrito nas entrelinhas do pensamento, ora permitido expressar-se.

Sendo mais um direcionamento para uma espécie de introspecção do sujeito, onde cada um teria a possibilidade de expressar-se, desvendar seus sentimentos e percepções sobre o tema, cada um respondeu de forma espontânea e aberta. O sujeito **A**, destaca outra vez, simbolicamente, pode-se antecipar, “[...] o **nome do pai** (grifo nosso) na documentação, porque eu acho que uma criança, uma pessoa

*que seja, ter pai e mãe na hora, a pessoa liga, até mesmo na hora de preencher um documento [...]”.*

Já o sujeito **B**, aborda em suas respostas a importância das relações, o convívio permanente e sistemático. É enfático em afirmar “[...] *relação assim, do abandono do pai com os filhos faz muita falta principalmente as crianças que de pequenininho já vem sentindo a falta do pai assim, eu tenho um afilhado que não tem pai, e assim, ele já vai crescendo com essa questão de cadê a referência assim do pai mesmo? Não tem. A falta ou a questão de tá ali do lado, a questão assim, que as vezes o pai é melhor referência que a mãe pra certos assuntos eu penso assim, não tem, então assim, a questão que hoje em dia você vê muito mais a mãe, eu vejo assim a mãe muito mais do lado do filho do que o pai do lado do filho, você vê vou levar pra escola, vou levar pra isso, vou levar pra aquilo, reunião, tudo é a mãe que tá ali sempre presente. O pai vê, mas não é grande quantidade como a mãe. Então acho assim que o abandono faz muita diferença na vida do filho, assim no desenvolvimento, no desempenho do filho, tanto na escola”.*

Outra resposta emblemática foi apresentada por **C**, claramente demonstrada pela expressão “*abandono afetivo*”, que afirma ter demorado a perceber. Relata **C**: “*assim, na hora que você me despertou assim uma coisa, eu fui, eu, eu particularmente fui descobrir tudo isso quando eu iniciei uma faculdade, quando eu fui começar a ter entendimento disso, depois de, quando eu tinha 20 anos já, que eu fui começar a me perceber né, dentro de tudo isso que ali não tinha uma coisa que tava faltando, e ai eu fui percebendo como aquilo me fazia falta e me afetava de alguma forma, tanto é que, é, eu fui começando a atuar em alguns espaços de estágio né, fui tendo contato com alguns profissionais, principalmente da área de psicologia, e eu fui comentando algumas coisas, e ai eles sempre reforçavam: faz terapia”.*

O sujeito **D** demonstra nas palavras um sentimento de culpa, remetendo ao já discutido, sobre a influência da construção da imagem na formação da personalidade do sujeito, ou seja, “a condição do sujeito implica a presença de Outro real, representante do simbólico, que encarne a função paterna para o pequeno” e “é o Outro, através de seus representantes (pai, mãe, educadora etc), tomados aqui como função humanizante, que irá localizar o sujeito no campo da cultura humana (KAMERS; BARATTO, 2004, p. 40). Pois, admite e reafirma **D**: “*não é culpa, mas a palavra que veio agora é dos pais serem como são, a culpa é nossa,*

*que a gente que cria esses homens né, e isso sempre, eu sempre penso nisso, até porque eu tenho um menino, tô criando um menino, então eu gostaria que ele não fosse desse jeito. E aí eu sempre converso com ele com relação a isso né, até porque ele também passa as mesmas coisas que eu passei né, de não ter um pai presente, apesar de que eu tive assim né, um pai ausente/presente, estava em casa, convivia com ele, mas pra mim ele era ausente né. Teve até uma época da minha vida que os papéis ficaram trocados, eu que cuidava dele, que parecia o adolescente, e eu que tinha que ser, tive que, é, amadurecer para cuidar dele”.*

Afirmou-se anteriormente, à luz de Aubry (2004), que o ser humano ao nascer precisa de cuidados específicos ao crescimento e desenvolvimento, pois sozinho não poderia ter a experiência de existir, também possibilidade de se constituir, fazendo-se necessário alguém que o *olhe* e veja aí o futuro sujeito que virá. Desta matriz traduz-se o sujeito. Relação considerada como eixo de construção e da estruturação da personalidade, já explicitada por Aubry (2004, p. 279): “o inconsciente do filho é feito da fala da mãe, depois da fala do pai e, enfim, da fala da coletividade, através dos indivíduos que a ele se dirigem”. Tal teoria ilustra o pensamento dos sujeitos aqui pesquisados? Pode-se afirmar que as respostas evidenciam o referenciado “estádio do espelho”? As repostas são reflexos das imagens que obtiveram nos primeiros anos de vida, tidas como a primeira identificação. A soma das outras imagens foram se formando trazendo à tona os complexos, os conflitos das emoções e as culpas identificadas nas respostas.

Sabendo-se que a figura paterna ganha contornos no processo de desenvolvimento do sujeito e que a teoria psicanalítica pressupõe um papel estruturante de pai instaurado a partir do complexo de Édipo, onde “o pai representa a possibilidade do equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real (GOMES; RESENDE, 2004), apresento as falas do sujeito **E**, como forma de caracterização da ideia destes dois teóricos. Para responder as duas provocações acerca do tema de as relações familiares e possíveis consequências decorrentes ao abandono afetivo do pai no desenvolvimento dos filhos, o que você gostaria de dizer e quais pensamentos emergem; O sujeito **E** responde taxativamente: *“Importante, não seria o ideal pra ninguém no caso não ter o pai presente, eh, até mesmo se fosse num caso de separação eu acho que deveria se manter contato que eu não tive, mais presente, porque era uma ligação só uma vez por ano, e eu acho assim, faz falta, e você depois de um tempo você para pra pensar né o que você poderia*

*ter vivido, eu falo né que depois que eu tive filho que ele se aproximou e graças a Deus que agente se aproximou hoje em dia eu tenho até um carinho a mais e diferente que eu não tinha por não ter convivência, da gente pensar assim: é meu pai de qualquer forma, se acontecer alguma coisa, se ele ficar doente ele não tem ninguém, eu já tenho um sentimento de pai que eu não tinha, porque ele se aproximou, se não houver aproximação, o convívio, não gera um carinho, um amor e tal entre as pessoas mesmo ele sendo de sangue, eu acho que isso só acontece porque há uma convivência, quando você conhece a pessoa mesmo, gera um carinho, um amor pela pessoa quando você tem e eu acho muito importante ter”.*

Hamad (2002) discute sobre a família humana e o desenvolvimento dos sujeitos como ponto crucial as relações sociais, tendo como mola propulsora a capacidade de comunicação mental e de forma relativa os instintos, que mesmo estando presentes, são passíveis de mudanças, alterações e adaptáveis.

Nessa perspectiva, vê-se na resposta do sujeito **F**, acerca da questão três, proposta na pesquisa. Responde o mesmo: *“O meu pai, assim, a pessoa que vem a minha cabeça, que fosse uma coisa que eu preciso, que eu podia conta com ele era o meu pai de criação, meu avô, que tava no lugar do meu pai. Já tá morto, meu avô morreu de velhice mesmo. Já tava com cento e poucos anos. E minha avó também, que se diz, que tá no lugar da minha mãe né, como se diz, no registro, em tudo, é ela, e o nome dela. Hoje eu tô bem, como se diz, com esses problemas todo, mas eu tô bem”.* É assim que retoma-se a discussão sobre a ideia de valorização do pai, e/ou da família levantada anteriormente por Michel Tort (apud, HAMAD, 2002, p. 37), quando afirma: “[...] a estrutura familiar clássica está ameaçada pela evolução cultural, a referência paterna, a solução paterna só seria uma visão religiosa, mais exatamente cristã, que Lacan reatualiza com sua teorização concernente ao nome do pai”.

As falas (respostas) dos sujeitos remetem ao que na Psicanálise, Lacan e Freud já discutem sobre a função do pai: Freud colocava a função do pai e Lacan faz do Nome-do-Pai um operador simbólico e numa relação próxima com o inconsciente, Násio (2007) e Levizon (2010) demonstraram, através de experiência de análise, que o indivíduo “recorda coisa alguma do que esqueceu ou reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz, não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente saber o que está repetindo”(LEVIZON, 2010, p. 2).

Em síntese, percebe-se nos sujeitos, nas suas falas e nos seus discursos, uma simbólica e de maneira representativa as ideias de Aubry (2004), quando este afirmara que “as experiências primeiras formarão as fundações sobre as quais se construirá a própria estrutura de sua personalidade” (AUBRY, 2004, p. 273). Os sujeitos se ressentem da figura paterna, mesmo quando o dizem substituídos por outro. Daí, as consequências relatadas nos discursos conscientes ou inconscientes. Seria a ilustração do pensamento, da ideia do simbólico, do real e do imaginário, que Lacan usa para explicar “as incidências imaginárias, longe de representar o essencial de nossa experiência, daí só dão algo de inconsistente, exceto sendo relacionadas à cadeia simbólica que as liga e as orienta” (AUBRY, 2004, p.274).

Os sujeitos aqui entrevistados, através dos questionários, demonstram que sua estrutura subjetiva se faz pela relação com o Outro, no caso do inconsciente do sujeito, já explicitado por Aubry (2004, p.274): “valor simbólico do nome do pai vai se ordenar em torno das palavras que lhe serão ditas” e por Lacan (1999, p. 187):

A posição do pai como simbólico não depende do fato de as pessoas haverem mais ou menos reconhecido a necessidade de uma certa sequência de acontecimentos tão diferentes quanto um coito e um parto. A posição do Nome-do-Pai como tal, a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico. Pode materializar-se sob as diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante.

É assim, que prazerosamente resgata-se Lacan na tentativa de aprofundar, compreender para tentar explicar a relatividade do conceito de família emerso nos discursos dos sujeitos aqui pesquisados, pois Lacan foi o precursor na apresentação do tema família através dos conceitos de complexo e imago destacado na família edípica e simbólica a função paterna, a qual procurou se encontrar neste estudo sobre a constituição do sujeito. A qual Lacan afirma:

[...] Que é o pai? Não digo na família, porque, na família ele é tudo o que quiser, é uma sombra, é um banqueiro, é tudo o que tem que ser, ele o é ou não é, o que às vezes tem toda importância, mas também pode não ter nenhuma. A questão é saber o que ele é no Complexo de Édipo. Pois bem, o pai aí, não é um objeto real, mesmo que tenha que intervir como objeto real para dar corpo à castração. [...] o pai é um significante que substitui outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no Complexo de Édipo [...] (LACAN, 2003, p. 180).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditando-se na importância deste estudo para a ampliação do debate em torno do papel da família na constituição do sujeito, para o meio acadêmico e conseqüentemente para a sociedade em geral, debruçar-se sobre a literatura na acerca da psicanálise foi extremamente instigante na busca de conhecimento da Psicologia e da Psicanálise.

O presente trabalho, portanto, apresentou como eixo central a posição da psicanálise no que diz respeito à constituição do sujeito na família, destacando como foco essencial a figura paterna e do pai como função. Neste contexto destacou-se a figura paterna no transcorrer da evolução da família e na busca de compreendê-la como função essencial na construção do sujeito. A pesquisa levou a reflexão sobre a problematização de que até que ponto a figura paterna, transvestida de mãe, de avô, avó, de tio, tia ou do outro, interfere ou não nesta construção. As respostas antes de serem verdades, são reflexões sobre a efetiva presença emocional, social, econômica, moral ou física da figura paterna, bem como se sente este sujeito que viveu o abandono do pai, nos aspectos mencionados.

Na discussão sobre as atribuições relativas à função paterna na família atual e no contexto da sociedade contemporânea, percebeu-se que tanto as famílias como as relações entre os membros da família e a função do pai se modificaram, se transformaram e se ampliaram em acordo com o tempo, o espaço e nos aspectos afetivos, históricos, sociais, políticos e econômicos. Constatou-se, acerca das relações entre os membros da família, uma diferenciação que se caracteriza por ter sua função determinada pela nomeação, pelo ritual do reconhecimento, pela designação do próprio filho/a por um gesto, uma atitude ou uma palavra.

Nos estudos sobre a família, percorreu-se uma trajetória desde a família primeva até a família edípica caracterizada pela ausência da lei de um pai considerado devorador e incestuoso, passando pelo caminho da relação entre esta família primeva como uma herança do passado e do complexo de Édipo, considerada o núcleo da família moderna, do qual se originou o conceito estruturante na teoria psicanalítica.

Portanto, sabe-se então, pelo breve tratado histórico aqui desenvolvido, que a família foi um marco, um pilar do sistema totêmico, conforme Freud, mas tem uma

considerável distância entre o pai da família moderna e o onipotente pai primevo da horda. Porém, é verdadeiro afirmar que tanto Freud como Lacan contribuíram grandemente para a psicanálise. O primeiro introduzindo o Complexo de Édipo na para a concepção de família e o segundo com a nova leitura do Complexo de Édipo, que neste estudo possibilitou esclarecer as duas relações que unem os grupos: a relação biológica, através da procriação e relação sociológica, através da qual permite manter os seus membros, mas a partir da subversão, da ruptura da relação biológica que o encontro com a linguagem, com o simbólico, produz. Nisso, volta-se a Lacan, por introduzir o fator da comunicação humana e de suas relações sociais, quando reafirma-se (porque já dito anteriormente) que na família humana há o predomínio da cultura sobre a natureza.

Lacan também destaca que é na família que os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico se constroem e se estabelecem continuamente nas gerações, provocando a compreensão sobre a família moderna nos seguintes moldes dos complexos, que no texto “O complexo, fator concreto da psicologia familiar” Lacan (2003, p. 33) dirá que “é na ordem original de realidade constituída pelas relações sociais que convém compreender a família humana”. Por isso o conceito a ser trabalhado deve ser o do complexo como fator da construção humana e aspecto essencial do psiquismo. Com efeito, continua Lacan, o complexo “liga de forma fixa um conjunto de reações que pode concernir a todas as funções orgânicas, desde a **emoção** até a conduta adaptada ao objeto” (LACAN, 2003, p. 33).

Sobre a análise teórica da importância da presença paterna na construção da subjetividade, percebeu-se, através do discurso freudiano no complexo de Édipo, a ideia de que o pai gera o filho que será seu assassino. Essa ideia do pai morto traduz-se na vivência edipiana como um pai simbólico, um pai da identificação mostrado nas falas dos sujeitos alvos da pesquisa de campo, quando afirmam “*eu me espelho na minha mãe e na minha madrinha que eu acho assim*” (sujeito B) e “Tia, fui criada por ela” (sujeito E).

Também sabe-se que a imagem inconsciente com a qual o outro recobre o sujeito é uma marca, uma forma que constitui sua subjetividade, a marca com a qual ele se posicionará no mundo. Daí, a compreensão da fala do sujeito **D**, quando afirmou “*meu pai, e ai eu percebo que o pai do Lucas é bem parecido né, e isso tem tudo haver sabe, e ai eu percebo, caraca, eu escolhi, parece que, você nem percebe que*

*você escolhe assim, e depois que você separa, quando eu separei que eu percebi pô, é igualzinho, igualzinho*". Esta forma de compreender e explicar apresentada na resposta categórica do sujeito **D**, tem relação intrínseca com o dizer de Julien (2002, no seu texto "Do Nome-do-Pai ao Pai-do-Nome como sinthoma", quando explicita que "relações mantêm conhecimento paranóico e psicose do homem moderno" (JULIEN, 2002, p. 73), com também tem base na referência indicada em relação à linguagem e especificamente no dizer de Vescovi (2009, p. 18):

O animal humano se fabrica pelas palavras, por meio das ficções constrói em torno da incerteza sobre sua origem e sobre a morte. Para fazer parte da comunidade humana, ele se representa por aquilo que diz e cria. Com isso elabora e transforma a realidade em que vive. Ele tece, nos fio da linguagem, sua memória política e histórica transformando a realidade em que vive.

Ainda à luz de Lacan pode-se afirmar que a função paterna e a função materna articulam-se na constituição do sujeito intermediado pela linguagem. E Freud aponta como fator fundamental a importância do conceito do complexo de Édipo, quando deve se levar em conta que os lugares dessa estrutura são ocupados por pais e mães. Concluindo, portanto, que a concepção de família, na psicanálise, é essencialmente voltada para o complexo de Édipo e suas vicissitudes, tendo em vista que a família assume diversas formas conforme a história, a cultura e percurso dos sujeitos. E, acerca do objetivo deste estudo em compreender a importância da efetiva atuação do pai na formação e desenvolvimento da subjetividade e as possíveis consequências decorrentes do abandono ou ausência do mesmo, tanto na interpretação do quadro teórico quanto na análise da essência dos discursos dos sujeitos entrevistados, é possível inferir que existe tal importância e esta importância se traduz nas relações deste sujeito com o Outro mediado pela linguagem.



## REFERÊNCIAS

ANGELO, Darlene Viana Gaudio. O direito como objeto do consumo. In: **Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória**. A lei em tempos sombrios. Rio de Janeiro: Cia de Freud; Vitória, ES: ELPV, 2009, p. 139-145.

\_\_\_\_\_. Do horror e miséria ao bom e belo. In: BASTOS, Ruth; ANGELO, Darlene; COLNAGO, Vera (Org.). Adolescência, violência e a lei. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia científica**: filosofia e prática de pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

AUBRY, Jenny. **Psicanálise de crianças separadas**: estudos clínicos. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

CHECCHINATO, Durval. **Psicanálise de pais**: criança, sintoma dos pais. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

CHULAM, Tania Maria Olivier. **Os escritos sobre Os escritos de Lacan**. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, UFES, 1995.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, p. 21-32. Disponível em: <<http://www.scielo.br/paideia>>. Acesso em: 19 mai. 2015.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

DUMÉZIL, Claude. Do desejo de criança. In: **REVISTA INTERNACIONAL**. As homossexualidades, n. 4, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, p. 63-68.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIII.

\_\_\_\_\_. **Duas histórias Clínicas**. Rio de Janeiro: Imago, v. X, 1996.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar da civilização**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1996.

\_\_\_\_\_. **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1996.

\_\_\_\_\_. **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1996.

\_\_\_\_\_. O mal estar na civilização(1930). In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. V.XXI.

FUSTEL DE COULANGES, Numa-Denys. **A cidade antiga**. São Paulo: Edames, 2006.

GOMES, Aguinaldo José da; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. n. 2, v. 20, mai. ago. 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HADDAD, Gérard. **Comer o livro**: ritos alimentares e função paterna. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise**: de Freud a Lacan. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JULIEN, Philippe. **As psicoses**: um estudo sobre a paranóia comum. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1999.

\_\_\_\_\_. **Abandonarás teu pai e tua mãe**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

\_\_\_\_\_. O amor pelo pai em Freud. In: MOINGT, Joseph. **Litoral: do pai**. Rio de Janeiro: Campo Matémico, 2002.

KAMERS, Michele; BARATTO, Geselda. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v. 24, p. 40-47, 2004.

LACAN, Jaques. **A família**. Lisboa: Assirio & Alvim, 1981.

\_\_\_\_\_. **Complexos familiares**. Porto: Assírio e Alvim, 1981.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 4**: a relação do objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **O seminário, livro 10**: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACHAUD, Denise. **O inferno do dever**: o discurso do obsessivo. Rio de Janeiro: cia de Freud, 2007.

LEBRUN, Jean-Pierre (Org.). **O mal-estar na subjetivação**. Porto Alegre: CMC, 2010.

LEVINZON, Gina Khafif. Recordar, repetir, elaborar e construir: a busca do objeto materno na análise de uma menina adotada. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, n.4, v. 44, 2010.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTAR, João. **Metodologia científica na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de marketing**: edição compacta. São Paulo: Atlas, 1996.

MOURÃO, Arlete. **Uma aventura no território da falta**. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2011.

MURTA, Claudia; BOCCA, Francisco Verardi; SIMANKE, Richard Theisen (Org.). **Psicanálise em Perspectiva III**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2012.

NASAR, Teresa Palazzo. **Você tem fome de quê?** Três abordagens dos transtornos alimentares. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2013.

NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NOELE PICKMANN, Claude. Feminilidade e homossexualidade feminina: a retomada do amor. In: **Revista internacional**. n. 4. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005.

POMMIER, Gérard. Existe uma distribuição lógica das homossexualidades? In: **REVISTA INTERNACIONAL**. As homossexualidades, n.4, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005, p. 37-61.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTORO, Vanessa Campos. O fio do desejo. **Reverso**. Belo Horizonte, ano 33, n. 62, set. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

SGANZERIA, Ilciane Maria; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, n.2, v.16, ago.2010.

SOLER, Colette. **Lacan, o inconsciente reinventado**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

\_\_\_\_\_. **O inconsciente: que é isso?** São Paulo: Annablume, 2012.

VELUDO, Cassio Marcelo Batista; VIANA, Terezinha de Camargo. Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança. **Paidéia**. n. 51, v. 22, jan./abr. 2012.

VESCOVI, Renata Conde. A lei em tempos sombrios. In: **Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória**. A lei em tempos sombrios. Rio de Janeiro: Cia de Freud; Vitória, ES: ELPV, 2009, p. 17-28.

**APÊNDICE A**

## Questionário

## I) Identificação

Nome:

Idade:

Endereço:

Profissão:

## II) Questões

a) Como é a sua relação com seu pai, mãe, irmãos?

---

---

---

b) O que é um pai ou a falta do pai na sua vida? E qual sua importância?

---

---

---

c) O que é uma mãe pra você?

---

---

---

d) Você se espelha em alguém para tomar alguma atitude?

---

---

---

e) Referente ao tema abordado: "Relações familiares e possíveis consequências decorrentes ao abandono afetivo do pai no desenvolvimento dos filhos", o que mais você gostaria de dizer? Quais pensamentos emergem?

---

---

---